

Fidelidade

A Fé Diante das Adversidades

Estudos Bíblicos



Delcinalva de Souza Lima
Delcyr de Souza Lima
Dinelcir de Souza Lima



Fidelidade



Equipe Fidelidade

Delcinalva de Souza Lima

Dinelcir de Souza Lima

Dalton de Souza Lima

Produção e distribuição

Lettera Texto

Fale Conosco

revistafidelidade@gmail.com

www.revistafidelidade2.com.br

(21) 3598-7620

(21) 97454-9063 

Conteúdo

- 1 A atitude do crente nas provações, 3
 - 2 O cristão e sua segurança quanto ao futuro, 7
 - 3 A oração do cristão, 11
 - 4 O cristão diante da angústia, 15
 - 5 A firmeza dos que confiam em Deus, 19
 - 6 Firmeza em situações extremas, 23
 - 7 É preciso cuidar da mente, 27
 - 8 Certezas que nos dão segurança, 31
 - 9 A suprema esperança, 35
 - 10 Vivendo como ressuscitados, 39
 - 11 Guiados pela fé, 43
 - 12 Ânimo para prosseguir, 47
 - 13 Jesus e nossas adversidades, 51
- Diariamente com a Palavra de Deus, 55
- Vocabulário e Bibliografia, 58

Quem escreveu



Delcinalva de Souza Lima. Foi fundadora e Diretora Acadêmica do Seminário Teológico Batista Brasileiro. Professora de Grego, Hebraico,

Hermenêutica. Diretora da revista Fidelidade.

Formação: Teologia, Letras, Pedagogia. Mestre em Educação



Delcyr de Souza Lima. Escritor com muitos livros publicados. Foi pastor batista por 66 anos. Foi professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil por 25 anos. Foi fundador e Diretor Executivo do Seminário Teológico Batista de Niterói (1984 a 2005); foi fundador e Diretor do Seminário Teológico Batista Brasileiro (2005 a 2018). Foi durante muitos anos Editor-Chefe da Juerp, editora da Convenção Batista Brasileira.



Dinelcir de Souza Lima. Pastor batista, desde 1986; pastoreia a Igreja Batista Memorial de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro; escritor.

Formação: Teologia

1 Atitude do crente nas provações

Para ler na Bíblia: Tiago 1.2-18

Para Memorizar: Tiago 1.2

Durante a vida enfrentamos várias adversidades e muitas aflições. Algumas atingem igualmente todas as pessoas, como doença, desemprego, crises familiares; outras atingem apenas os cristãos, como a perseguição por causa da sua fé em Cristo.

Os cristãos a quem Tiago, o irmão de Jesus e líder da igreja em Jerusalém, escreveu eram judeus que haviam fugido de sua cidade, abandonando casa, trabalho e família, em consequência da perseguição que se seguiu ao apedrejamento de Estêvão (Atos 7. 59,60; 8.1; 11.19) e que levou também à morte do apóstolo Tiago (Atos 12.1,2).

As exortações que Tiago fez aos irmãos do passado são as mesmas que precisamos atender para suportar as nossas provações.

As provações são motivos de alegria

Tiago 1.2,3 O termo grego que algumas versões traduzem por “tentações” e outras por “provações” tem realmente os dois significados. As provações são exteriores porque são aflições que colhem o crente repentinamente. As tentações são interiores porque surgem da nossa inclinação para o pecado. No versículo 3, Tiago usa a mesma palavra grega com o significado de prova, provação. Então tentações são provações. Jamais Tiago desejaria que os crentes se alegrassem quando estivessem sujeitos à sedução do pecado. Ele queria que os crentes enfrentassem com alegria as dificuldades pelas quais passavam, entendendo que estavam sendo provados em seu esforço de viver a vida cristã, mantendo-se leais e submissos à vontade de Deus em todas as adversidades.

Algumas dessas dificuldades eram pobreza (1.9), viuvez e orfandade (1.27), doenças (5.14), processos judiciais movidos por ricos (2.6), retenção de salário, opressão social e financeira por parte dos patrões (5.1-6). Eram situações aflitivas que os crentes não haviam procurado, mas que estavam experimentando.

A palavra “cair”, usada por algumas versões, não tem o significado de ser derrotado, mas tem o sentido de “ser alvo de”, “entrar em”, “ver-se envolvido por” situações exteriores que provam a fé, a confiança em Deus.

O crente passa pelas adversidades comuns a todas as pessoas e por aquelas que só o cristão tem que enfrentar por causa da sua fé: zombaria, desprezo, perseguição. O crente deve ver essas adversidades como motivo de alegria.

Parece que a reação de alegria não é natural quando se está enfrentando tentações e provações. A alegria que devemos ter para enfrentarmos o sofrimento é uma qualidade espiritual de tranquilidade por ter certeza de que estamos no rumo certo, e temos o amparo de Deus.

O sentido de “provar a fé” não é de teste para Deus verificar a presença da fé em seus filhos. Deus conhece o coração de todos, e não precisa nos testar para nos conhecer. O sentido é de purificação, à semelhança do que ocorre com o ouro, que ao ser levado ao fogo se funde e as sujidades veem para a superfície e são retiradas. De modo semelhante, Deus procede conosco: permite que sejamos submetidos ao fogo dos sofrimentos, das provações, para purificar-nos e aperfeiçoar-nos. Não é, portanto, a provação que determina se o crente tem fé ou não, mas a provação fortalece a fé existente.

Para que o crente é provado? *A prova da vossa fé produz paciência* (v. 3). A ideia não é apenas de ser capaz de suportar as adversidades, mas de ser constante, de ser perseverante mesmo em meio aos sofrimentos e às adversidades. O objetivo da provação é produzir a perseverança.

A perseverança não é a causa de sermos salvos, pois a salvação é dada por Deus, mediante a fé em Cristo, sem nenhum mérito nosso (Ef 2.8). Assim como não podemos fazer nada para nos salvar, também não podemos fazer nada para manter a salvação. A perseverança, portanto, é a solidificação da fé, da confiança e submissão a Deus.

A sabedoria para perseverar

Tiago 1.4-8 – O resultado da provação é paciência, que é o mesmo que perseverança. A perseverança é a capacidade de manter-se firme na fé, na confiança em Deus e na fidelidade a Ele, suportando todas as circunstâncias adversas da vida. Essa perseverança precisa ser cultivada de maneira a tornar-se perfeita (“obra completa”) na produção de seus efeitos.

Para alcançar a perseverança (paciência) completa, que não falhe em nenhuma situação, o crente precisa ter a sabedoria que vem do alto, que é dada exclusivamente por Deus. No entanto, essa sabedoria só é dada a quem reconhece que não a tem, e a pede a Deus.

A pessoa que pede sabedoria a Deus precisa pedir com fé sem duvidar, isto é, não pode estar oscilando entre a lealdade a Deus que dá sabedoria e a lealdade a si mesmo, e ao que pensa ser a maneira correta de viver, de conduzir a vida, e de superar as adversidades.

A sabedoria que o crente é aconselhado a pedir a Deus é a capacidade de avaliar as situações da vida e tomar decisões acertadas a respeito de como se conduzir. É a sabedoria que o leva a saber usar as adversidades da vida para crescimento espiritual e pessoal, para aprender a viver cada vez mais de acordo com os propósitos de Deus.

A coroa da vida

Tiago 1.12 – Tiago volta ao tema da tentação, isto é, da provação, que serve como prova da fé, que leva à perseverança e que produz maturidade espiritual. O crente que suporta a provação é bem-aventurado porque está colocando em prática tudo o que é resultado da sua comunhão com o Senhor Jesus.

Diante do crente estão as promessas de Jesus aos que o amam e são elas que animam o crente a suportar as adversidades. A grande promessa que Jesus faz é dar a coroa da vida, então a vida eterna é o prêmio que ele nos concede.

Mais uma vez vale lembrar que a salvação não é conseguida pela perseverança, pois o crente é salvo pela graça de Deus mediante a fé que se manifesta naquilo que faz. O crente persevera, não para manter a salvação por seus méritos; mas persevera porque tem certeza de que a vida eterna já lhe está garantida por Jesus.

Por outro lado, o crente sabe que Deus permite as provações não para derrubá-lo, mas para levá-lo à maturidade espiritual. Sendo assim, o crente não ficará magoado com Deus quando passar pela aflição. Ele saberá agir com sabedoria dada por Deus e perseverará na fé, na confiança, tendo certeza de que lhe está garantida a vida eterna.

Atitude do crente nas tentações

Tiago 1.13-15 – Tiago preocupava-se com os crentes que atribuíam suas tentações e aflições a Deus. Os que pensavam assim agravavam seus sofrimentos porque sentiam insegurança e dúvida a respeito da bondade de Deus. Deviam entender que Deus, pela sua natureza e seu caráter, não pode ser tentado e não tenta a ninguém. Isto seria contrário à sua perfeição. Deus nos regenerou (“gerou pela palavra da verdade”) com o propósito de sermos especiais (primícias) para Ele, como iria induzir-nos a pecar? As tentações se originam no interior da própria pessoa, quando se deixa atrair e enganar pelos seus desejos pecaminosos. A morte como consequência do pecado, nesse texto, não é a condenação eterna, pois Tiago está escrevendo a pessoas regeneradas. A morte a que se refere são as consequências que o pecado cometido produz no crente: culpa, endurecimento diante do pecado cometido, dissimulação. A queda em um pecado não gera a morte eterna, porque para o salvo por Jesus não há mais condenação (Rm 8.1). Mas o crente precisa ter a consciência sensível ao pecado, reconhecê-lo, arrepender-se e confessá-lo para ser perdoado (1Jo 1.9).

PARA APLICAR À VIDA

1. Mesmo quando enfrentamos as mais duras provas devemos ver a misericórdia e a bondade de Deus que coloca à nossa disposição a verdadeira sabedoria para passarmos por esses momentos sem vacilar na fé.
2. Jesus nos advertiu e consolou dizendo: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, porque eu venci o mundo” (João 16.33). Precisamos estar conscientes disso para não irmos atrás de quem oferece um evangelho sem as aflições da vida, sem provações.

2 O cristão e sua segurança quanto ao futuro

Para ler na Bíblia: Mateus 6.19-34

Para Memorizar: Mateus 6.33

É natural do ser humano fazer planos para o futuro e pensar em garanti-lo de alguma forma. Por isso até somos quase que obrigados a guardar alguma coisa para a aposentadoria. É exatamente isso que estamos fazendo quando pagamos o INSS.

O ensino de Jesus, na parte do Sermão do Monte que estudaremos, não é contra a propriedade privada, não é contra a ser providente para o futuro. O ensino é contra “os encantos do materialismo”, é contra a ganância, é contra o acúmulo egoísta de riquezas julgando que nelas estão a segurança para o futuro.

O cristão deve colocar seu coração nos tesouros celestiais

Mateus 6.19-21 – Tesouro é algo que possui grande valor para uma pessoa e esse grande valor pode ser muito relativo. Se, por exemplo, uma pessoa com poucos recursos financeiros chegar a possuir algumas gramas de ouro, isso representará para ela um tesouro. Enquanto que para outra pessoa, que possui muitos quilos de ouro, isso não representa tanto.

Cada pessoa tem um tesouro pessoal, algo a que dá muito valor, e por colocar nele o seu coração, os seus interesses, empenha-se em angariar mais bens, pensando ter neles a segurança da vida, e do seu futuro.

Jesus mostra que esta é uma falsa segurança porque tesouros terrenos sempre serão consumidos. Podem ser consumidos pela desvalorização e pelo uso inadequado. O tesouro na terra também pode ser roubado e pode ser tirado pela morte, que rouba todos os tesouros

terrenos. Jesus demonstra que tudo o que é terreno é passageiro, é perecível, e perde o valor. Quando a pessoa coloca a sua confiança para o futuro no que é terreno, está se apegando a coisas que não são seguras, que não são estáveis e que podem ser destruídas.

Jesus está nos dizendo que não é de bom senso confiar o que é eterno (nosso coração, nossa alma, nossa vida) ao que é passageiro (os tesouros na terra). Por isso ele nos ensina a ajuntar tesouros no céu, ou seja, devemos depositar confiança e valorizar grandemente o que está no céu porque é eterno, assim como a nossa alma.

Como ajuntar tesouros no céu? Isso começa com a fé em Jesus como Salvador e Senhor e prossegue com adquirir a cada dia um caráter parecido com o de Jesus. Ajuntamos tesouro no céu também com o esforço para apresentar Jesus a outras pessoas, com o uso do nosso dinheiro na obra de evangelização e missões, que é o único investimento com rendimento garantido para a eternidade, porque resulta em almas salvas por Jesus.

Devemos lembrar que “ajuntar tesouros no céu” não é fazer coisas para garantir a salvação eterna. Não podemos fazer nada aqui para nos garantir méritos diante de Deus. A salvação é exclusivamente pela fé em Jesus. O que fazemos depois é resultado de sermos salvos e de sermos justificados por Deus (Rm 5.1).

O cristão deve saber escolher em que confiar

Mateus 6.22-24 – A nossa segurança no futuro dependerá de fazermos escolhas acertadas. Jesus usa a linguagem figurada de que a “candeia do corpo são os olhos” porque é através dos olhos que a luz penetra no corpo e a pessoa pode ver, compreender, escolher.

Os olhos representam a nossa capacidade de escolher. Essa capacidade deve ser conduzida para escolhas sábias, corretas, porque se fizermos escolhas erradas e colocarmos nossa confiança naquilo que é transitório estaremos nos entregando ao medo e à ansiedade.

Jesus está ensinando: aquilo ou quem recebe a nossa confiança, torna-se o nosso senhor, porque passamos a servi-lo. Se escolhemos confiar nos tesouros terrenos, dependeremos deles e a eles serviremos. As riquezas terrenas são personificadas em Mamom. Servi-lo é colocar a confiança no que é transitório, aflitivo, desagre-

gador e precível. Mas se escolhemos confiar em Deus e servi-lo, dependeremos dele em todas as situações da vida e empregaremos o que somos e temos para fazer a sua vontade.

É bem verdade que podemos trabalhar para dois patrões, mas ninguém pode ser escravo de dois senhores. É com essa perspectiva que Jesus diz “não podeis servir a dois senhores”. Não há como conciliar ser servo das riquezas com o ser servo de Deus. Não há como conciliar confiar um pouco nas riquezas e um pouco em Deus. Não há como dividirmos nossa lealdade entre as riquezas e Deus.

O cristão deve confiar completamente no Pai Celestial

Mateus 5.25-34 – Jesus conduziu seus discípulos a refletirem sobre o seguinte: em qual tesouro colocar o coração; escolher entre luz e trevas; escolher a qual senhor servir: os tesouros na terra ou os tesouros no céu. Tendo escolhido os tesouros no céu, ser guiado pela luz e servir a Deus, então, buscaremos em primeiro lugar o reino de Deus (Mt 6.33) em contraste com aquilo que ocupa a preocupação dos gentios (daqueles que não têm Deus). O cristão entrega seu futuro completamente nas mãos de Deus e confia nele pelos seguintes motivos:

1. Como criaturas de Deus valemos mais do que o nosso alimento e do que a roupa que usamos (Mt 6.25-31).

Jesus nos mostra que somos coroa da criação, e que Deus sustenta as aves do céu, e provê beleza para as flores do campo, tornando-as mais esplendorosas do que um rei muito rico. Com esses exemplos Jesus chama a atenção para o fato de que valemos, como criaturas de Deus, muito mais do que as aves e do que as flores, então, se Deus as sustenta, há de nos sustentar com o alimento necessário e com a roupa para abrigar o corpo.

2. São inúteis as nossas preocupações com o que foge à nossa capacidade de prover (Mt 6.27, 34). Jesus usou os exemplos da nossa estatura e do dia de amanhã. De que adianta ficarmos preocupados com aquilo que foge ao nosso controle? Quem poderá acrescentar um centímetro à sua estatura? Quem poderá controlar o dia de amanhã, o seu futuro? Não podemos sequer saber se estaremos vivos no

instante seguinte; não podemos saber nada do que nos acontecerá no minuto seguinte. Portanto, não adianta nos inquietarmos por aquilo que não podemos sequer prever, quanto mais controlar. A preocupação com o futuro é atormentadora, é desgastante e é destruidora.

A nossa confiança deve estar completamente em Deus, pois é Ele quem dá e sustém a vida. Ele tem todo o poder, então, podemos descansar nele, confiados em seu amor, em seu cuidado. Devemos entregar em suas mãos todas as nossas inquietações, nossos medos e confiar que ele cuidará plenamente de nós, e que esse cuidado será perfeito, porque a sua vontade é boa e perfeita.

PARA APLICAR À VIDA

1. Você já escolheu onde está o seu coração? Você já escolheu quem é o seu senhor?

2. Confie inteiramente no amor e no cuidado de Deus. Dedique-se a buscar o reino de Deus em primeiro lugar porque Deus sabe de que você precisa e suprirá suas necessidades dia a dia.

3. Suas atividades do dia a dia devem ser realizadas sem inquietação, mas com plena confiança em Deus. Desta forma você terá paz, terá segurança quanto ao amanhã.

4. As coisas terrenas são transitórias, então não se deixe dominar por elas. Coloque o seu coração, o seu objetivo de vida no que é permanente: “os tesouros no céu”.

3 A oração do cristão

Para ler na Bíblia: Mateus 6.5-13

Para Memorizar: Mateus 6.6

Ao crer em Jesus como Salvador, somos regenerados pelo Espírito Santo e passamos a ser filhos adotivos de Deus. Como filhos, ansiamos por comunhão com o Pai e, quando chegam os momentos de adversidade, as dificuldades da vida, mais queremos estar com Ele para recebermos força, orientação, consolo e para conhecermos a sua vontade.

O que fazer e o que não fazer na oração

Jesus ensinou aos seus discípulos que o verdadeiro motivo da oração é buscar comunhão com Deus, por isso deve ser uma conversa reservada (Mt 6.6). O crente não ora para ser visto nem para mostrar sua “espiritualidade”. A disposição íntima que nos leva a orar é o desejo de ter comunhão com o Pai, é a humildade e a dependência dele.

Os gentios (não judeus) faziam longas orações, citando o nome de muitos deuses. Faziam isso na esperança de serem ouvidos por algum deles. Também repetiam diversas vezes a mesma oração porque julgavam que fosse uma fórmula mágica para atrair a atenção e o favor das divindades.

A oração do cristão, de acordo com o ensino de Jesus, não deve ser a repetição de uma oração escrita por alguém como se essas fossem as palavras que Deus ouvirá e atenderá. Oramos ao Pai que nos ama, nos conhece, nos ouve e antes mesmo que peçamos ele sabe o que nos é necessário. Por isso podemos ir a Ele com plena confiança em todos os momentos da vida. Oramos, portanto, não para fazer Deus conhecer as nossas necessidades, mas oramos porque esperamos e confiamos nele. *Assim, aproximemo-nos do trono*

da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade (Hb 4.16 NVI).

Na oração o crente dá prioridade a Deus

Leia mais uma vez Mateus 6.5-15. A oração do Pai Nosso não é uma fórmula como se nela houvesse algum poder e por isso devesse ser recitada em momentos específicos. Ela é o ensino dado por Jesus sobre a forma como devemos orar, e ela contém os elementos essenciais da oração do crente.

Na oração do cristão, a prioridade é o próprio Deus: o seu nome, o seu reino e a sua vontade.

Devemos orar ao Pai – *Pai nosso, que estás no céu.* A oração é dirigida a Deus como Pai e expressa a nossa relação de filhos. Também expressa nosso reconhecimento do seu amor, a nossa confiança e dependência dele. Ao orarmos reconhecemos que Ele é poderoso, pois está no céu e tem domínio sobre todas as coisas. Então temos que nos acercar ao Pai com reverência, humildade e confiança.

Em outro ensino sobre oração, Jesus nos mandou pedir em seu nome (João 14.13,14). Quando colocamos a frase “em nome de Jesus”, no final da oração, ela expressa o nosso reconhecimento de que Jesus é o mediador entre nós e Deus e que por Ele podemos chegar ao Pai. Assim, a oração do crente é ao Pai, pela mediação do Filho.

Devemos santificar o nome de Deus – *santificado seja o teu nome.* O nome representa a própria pessoa. É Deus mesmo e como se revelou em Cristo Jesus. Santificar o nome de Deus é ter reverência a Ele; é honrá-lo, é glorificá-lo. Ao pedir isso na oração, estamos dizendo que queremos que Deus seja adorado, honrado, reverenciado e glorificado na vida do crente que está orando e por todas as pessoas.

Devemos pedir a vinda do reino de Deus – *venha a nós o teu reino.* Orar pela vinda do reino de Deus é orar pela nossa submissão completa à sua vontade; é orar pela submissão de todas as pessoas a Deus, o que exige que cada crente testemunhe de Jesus; é orar para que o reino de Deus seja consumado com a gloriosa volta de Jesus.

Devemos pedir a realização da vontade de Deus – *seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.* A vontade de Deus é “boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2) porque Ele tem conhecimento perfeito, amor perfeito e tem todo o poder. Quando pedimos a realização da vontade de Deus, mostramos nossa submissão e expressamos nossa absoluta confiança no seu amor, na sua sabedoria e no seu poder. É loucura pensar que conquistamos algum direito e que podemos determinar o que Deus há de fazer para nós. Jesus, o Filho de Deus, nos deu exemplo de perfeita submissão à vontade do Pai quando orou: “todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39). É a nossa vontade que tem que se submeter àquilo que Deus quer. Em todas as circunstâncias da vida, mesmo na provação, nas adversidades precisamos ser submissos à vontade do Pai.

Na oração o crente apresenta a Deus as suas necessidades

O Pai que está nos céus nos ama com amor perfeito e tem interesse no nosso bem estar e deseja que apresentemos a Ele nossas necessidades com toda a confiança, por isso devemos pedir a Ele.

Devemos pedir pelas nossas necessidades – *o pão nosso de cada dia nos dá hoje.* Deus, como Pai amoroso, se interessa pelas nossas necessidades de alimentação, roupa, moradia, saúde, segurança etc. Então devemos colocá-las diante dele, confiando que há de prover o que precisamos, segundo a sua vontade. Pedir para cada dia expressa a nossa dependência, confiança e reconhecimento de que tudo provém de Deus e de que não precisamos estar inquietos pelo amanhã, pelo futuro.

Devemos pedir perdão – *perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.* Precisamos constantemente do perdão de Deus, então devemos nos arrepender e suplicar seu perdão. Esse não é o perdão para a salvação, porque este é concedido exclusivamente pela fé em Cristo Jesus. O perdão que Jesus ensina a pedir na oração é pelos pecados do dia a dia. Perdoar o próximo não nos faz merecedores do perdão divino, mas é o resultado do nosso relacionamento íntimo com o Pai, que nos faz imitadores do seu amor e misericórdia. Ao perdoar o próximo reconhecemos

que a ofensa que alguém nos fez é incomparavelmente menor do que a nossa ofensa a Deus.

Devemos pedir a proteção de Deus – *não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal*. A primeira frase desse versículo causa grande impacto porque parece que Deus é quem nos coloca em tentação. A palavra tentação é usada na Bíblia com dois significados: apelo para pecar provocado por alguma situação; prova, teste da fé, da fidelidade a Deus. (Releia o Estudo 1.) Deus não nos induz a praticar o pecado, que é contra a sua natureza, então, Jesus mandou pedirmos que Deus não prove a nossa fidelidade, pois sempre há o risco de sucumbirmos, de pecarmos. Pedir não significa que automaticamente estaremos livres de sermos provados.

O crente também deve pedir que Deus o livre do mal, das coisas que o Maligno realiza porque ele é o nosso adversário e o seu propósito é nos levar a pecar.

Jesus terminou a oração do Pai Nosso com uma expressão de plena confiança em Deus: “teu é o reino, o poder e a glória para sempre”. Isso nos ensina que a nossa oração deve ser sempre de reconhecimento do poder de Deus, de confiança e de submissão a Ele, em todas as circunstâncias da vida: boas ou más; de vitória ou de provação.

PARA APLICAR À VIDA

1. A oração é conversa com o Pai Celestial por isso deve ser simples, humilde, submissa e confiante no amor, na sabedoria e no poder de Deus.

2. Devemos sempre iniciar a oração nos dirigido a Deus Pai, e terminá-la em nome de Jesus, o Deus Filho, que é o nosso mediador. É ele quem faz com que cheguemos com confiança ao trono da graça.

3. A oração deve fazer parte da nossa vida diária porque precisamos conversar com Deus em todos os instantes e não apenas nas horas de aflição. *Orem sem cessar*, isto é, orem continuamente (1Ts 5.17).

4. Outro conselho que devemos aplicar à nossa vida é: *Entre vocês alguém está aflito? Ore* (Tg 5.13).

4 O cristão diante da angústia

Para ler na Bíblia: Salmos 4 e 23

Para Memorizar: Salmo 4.8

A angústia é um “estado de ansiedade, de inquietude, de sofrimento”, que pode ser causado por acontecimentos dolorosos, por adversidades as mais variadas, por frustrações, ou pela perspectiva de que algo ruim possa acontecer.

Somos apanhados pela angústia várias vezes durante a vida, e ela sempre chega de repente. Então, precisamos saber como enfrentá-la, como suportá-la e como vencê-la.

Mantenha a confiança

Salmo 4 – O rei Davi, autor deste salmo, enfrentava uma situação de solidão, abandono, decepção, e aperto diante dos perigos e dor que lhe causava ter que lutar contra o próprio filho Absalão. Com intrigas e calúnias, Absalão arregimentara tropas para combater o pai e tomar-lhe o trono. Davi ficou numa situação de pânico e confusão entre seus deveres de rei e o amor de pai. Por isso retirou-se de Jerusalém para as montanhas, e recomendou aos generais do seu exército que tratassem seu filho com brandura (2Sm 18.5); quando mais tarde chegou a ele a notícia de que Absalão havia morrido em batalha, Davi caiu em pranto, e gritava: “Absalão, meu filho!...” (2Sm 19.4).

Cercado de intrigas, de ameaças, de más notícias, Davi entrou em grande angústia e orou: *tem misericórdia de mim e ouve a minha oração*. Ele precisava da ajuda de Deus para suportar aquela situação de grave adversidade, que produzia profunda angústia.

O crente ora quando está em angústia porque sabe que Deus ouve e responde. Davi já havia estado em outras situações que o sufocavam, porque estar angustiado é como estar sendo apertado, é

como estar numa situação para a qual não há saída. Deus havia dado largueza a Davi (4.2,3), porque havia lhe dado o escape, havia-o colocado como que em lugar de plena liberdade. O rei sabia que podia clamar pela misericórdia de Deus mais uma vez.

Davi se sentia ameaçado pelos inimigos que o perseguiam (Sl 4.3-6) e reclamou da injustiça que seus semelhantes (“filhos dos homens”) estavam fazendo contra ele e por terem escolhido a falsidade, a mentira e planejarem o mal contra ele. Seu filho e os que o seguiam haviam se levantado contra o separado por Deus, que nesse caso era o próprio Davi que fora escolhido por Deus para ser rei de Israel (1Sm 16.1-13).

Diante da situação que Davi enfrentava, havia pessoas que julgavam não haver quem lhes mostrasse o lado certo da questão e muito menos desse solução a tão grave problema. A razão estava com o rei ou com seu filho Absalão? A única coisa que Davi esperava era que essas pessoas buscassem a iluminação de Deus: *Senhor, exalta sobre nós a luz do teu rosto* (v. 6) porque apenas Ele poderia iluminá-los com sua sabedoria e justiça.

Este salmo foi destinado ao cantor-mor e composto para o culto público, o que nos mostra que Davi reconhecia que qualquer servo de Deus pode passar por situação de angústia resultante da falsidade, da mentira e da incompreensão de outras pessoas, inclusive dentro da própria família. Quando isso acontecer, o crente deve buscar a iluminação divina para suas decisões e deve aconselhar as outras pessoas a fazerem o mesmo.

Em meio à sua angústia, o salmista tem segurança em Deus e afirma que a alegria que Deus lhe dá é maior do que experimentam na época da colheita que é a culminância de muito esforço e a certeza de ter alimento. Sua alegria pela certeza de que Deus o livraria daquela situação, como já o havia livrado em outras ocasiões, era maior do que a que tivera em tempos de prosperidade.

Como ter alegria em meio à adversidade e à angústia? É a alegria da certeza que Deus nos ouve, de que interfere a nosso favor, de que nos dá a sua graça. Por isso o apóstolo Paulo nos recomendou: *Alegrem-se sempre no Senhor* (Fl 4.4). Em todas as circunstâncias, o motivo de nossa alegria é o Senhor Jesus, a salvação que ele nos deu, e a sua presença constante conosco. Ele mesmo prometeu: *Eis que estou convosco todos os dias...* (Mt 28.20).

Em meio à angústia é difícil conciliar o sono, mas o salmista nos diz que a sua segurança em Deus lhe dava paz para não se deixar inquietar com as preocupações e poder conciliar o sono (Sl 4.8; 3.5,6).

A paz é dádiva de Deus ao crente que confia nele, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Jesus nos deixou a sua paz. Ele disse: *Deixo-vos a paz, a minha paz voz dou [...]. Não se perturbe o vosso coração, nem tenha medo* (Jo 14.27).

Confie no Bom Pastor

Salmo 23 – Em meio à adversidade e à angústia que ela provoca, mantenha a confiança na misericórdia e no cuidado de Deus porque o crente tem um bom pastor, que o conduz e protege amorosamente. É isso o que o Salmo 23 nos diz ao apresentar Deus sob a figura de um pastor de ovelhas e a figura de um nobre anfitrião.

1. **O pastor de ovelhas.** *O Senhor é o meu pastor.* Davi, o salmista, sabia estar sendo conduzido pelo próprio Deus, a quem entregava-se completamente submisso como uma simples ovelha de seu rebanho. Tinha a convicção de estar sendo guiado na vida, em todas as suas circunstâncias, como as ovelhas conduzidas pelo pastor, que as levava a pastos verdejantes para se alimentarem e para descansarem; que as levava para beber em ribeiros de águas tranquilas. Nada lhes faltaria porque tinham a proteção do pastor.

Deus é aquele que guia o crente, que é ovelha “do seu pasto” (Sl 100.3). Ele não apenas guia, mas com a sua vara e o seu cajado protege a ovelha, protege o rebanho, que é o seu povo. Deus, o dono do rebanho, é poderoso e bondoso, então a ovelha está segura e não tem falta de nada. O pastor supre as suas necessidades de acordo com a sua vontade.

Deus, o bom pastor, dá refrigério à alma, porque ele devolve à ovelha as forças espirituais, físicas e emocionais para continuar mantendo a confiança nele e seguindo-o. Como um pastor conduz suas ovelhas em caminhos de segurança, Deus guia sua ovelha “nas veredas da justiça”, que é o caminho correto espiritual e moralmente.

Mesmo em circunstâncias muito difíceis, que Davi expressa com a figura de andar pelo “vale da sombra da morte”, o salmista sabe que Deus não o abandona. A ovelha está protegida pela vara e pelo

cajado do pastor. A vara era um bastão que servia para afastar os animais ferozes, para defender a ovelha; o cajado era uma vara curvada em uma das extremidades, e servia para puxar as pernas da ovelha para que não se perdesse do rebanho. Consolar é o mesmo que proteger, encorajar, fortalecer para enfrentar as adversidades, os perigos, o sofrimento.

Jesus se apresentou como o bom pastor que dá a sua vida pelas ovelhas (Jo 10.11). Somos apascentados por Jesus, que é a revelação de Deus (Cl 1.15) e estamos seguros em sua mão e na mão do Pai (Jo 10.28,29). Como suas ovelhas, ouvimos a sua voz e ele nos guia e protege.

2. O nobre e bondoso anfitrião. No versículo 5, o salmista apresenta Deus sob a figura de um anfitrião bondoso, que recebe o hóspede de maneira especial e o trata com dignidade diante dos seus inimigos. O hóspede é ungido com óleo para refrescar e revigorar, e recebe a melhor alimentação no banquete. Seus inimigos estão do lado de fora, e ele protegido.

Da condição de ovelha, o salmista se coloca como hóspede de Deus, que ao ser recebido para o banquete está sob a sua proteção, e por isso está em completa segurança.

O salmista sabe que a bondade e a misericórdia de Deus estarão com ele enquanto viver, e deseja habitar na casa de Deus por longos dias (23.6). Essa casa é o tabernáculo, onde eram oferecidos sacrifícios a Deus, mas as palavras do salmistas projetam-se como profecia da habitação eterna na casa do Pai. Jesus disse: *Na casa de meu Pai há muitas moradas [aposentos]... Vou preparar-vos lugar* (Jo 14.2). A ovelha de Deus tem sua proteção e cuidado aqui e a segurança de um dia estar na casa do Pai para sempre.

PARA APLICAR À VIDA

1. Em momentos de angústia, mantenha sua confiança em Deus e continue confiando no Bom Pastor. Ele há de conduzi-lo sempre com bondade e misericórdia; ele há de sempre lhe dar sua proteção.

2. Em situação alguma, por mais difícil e dolorosa que seja, o crente estará sozinho. O Bom Pastor estará com ele sempre.

5 A firmeza dos que confiam em Deus

Para ler na Bíblia: Salmos 46, 125

Para Memorizar: Salmo 125.1

Diante das dificuldades da vida, dos sofrimentos e das provações muitas vezes nos sentimos fraquejar, parece que não vamos aguentar. No entanto, precisamos resistir, mas de onde virá a capacidade para permanecermos firmes?

Nosso refúgio e fortaleza

Salmo 46 – Este salmo foi composto em ocasião de grave crise nacional, que ameaçava a segurança e a continuidade da nação israelita, o povo de Deus. Muitos comentaristas afirmam que esse momento histórico de aperto e angústia para o povo foi o tempo em que Jerusalém esteve cercada pelo exército de Senaqueribe, rei dos assírios, que era a maior potência militar e econômica daquela época. (Leia a narrativa em 2Reis 18.13 a 19.37.)

Rabsaqué, o porta-voz do rei Senaqueribe, aos gritos e imprecações, falando em hebraico para que todos os soldados da guarnição do muro de Jerusalém entendessem, blasfemou com arrogância contra o Deus de Israel e disse aos que o ouviam que de nada adiantava confiar em Deus e que não deviam ouvir o rei Ezequias que lhes dizia: “O Senhor nos livrará”. O rei da Assíria havia dominado muitos povos e os deuses deles nada puderam fazer; por que pensavam os habitantes de Jerusalém que o seu Deus Jeová seria diferente?

O cerco à cidade já durava dois anos, e a fome e o terror invadiram seus moradores. Foi quando o rei Ezequias recorreu à oração, e depois enviou um mensageiro ao profeta Isaías pedindo orientação (Isaías 36.1 a 37.38). Este consolou e fortaleceu o rei com a resposta de Deus, que prometeu impedir que o exército da Assíria entrasse

em Jerusalém. Deus mandou o seu anjo e 185 mil soldados assírios morreram. Quando amanheceu, encontraram os corpos no acampamento; o rei e o que restara do exército voltaram para a sua terra sem ter entrado em Jerusalém, sem ter feito à cidade o mal que haviam planejado.

No salmo 46, o salmista fala não apenas por si, mas por todo o povo, tanto que usa sempre os pronomes nós, nosso, conosco e se refere à cidade de Jerusalém. O salmo, embasado nos acontecimentos históricos, mostra-nos que podemos confiar em Deus durante as dificuldades da vida, mesmo que envolvam ameaças terríveis e transformações profundas e duradouras.

1. Deus é nossa fortaleza (v.1-3). Diante da possibilidade de uma catástrofe, Deus é o refúgio, é o abrigo, é em quem se encontra defesa e proteção. Ele é a fortaleza em que seu povo encontra lugar seguro e no qual os inimigos não podem penetrar. Além disso o socorro de Deus está presente quando os perigos nos colocam em angústia. Israel havia experimentado isso, quando o cerco da cidade de Jerusalém impôs aos habitantes da cidade terrível sofrimento. Eles não tinham para onde fugir, Deus socorreu-os. Quantas vezes isso já aconteceu com o crente, com o povo de Deus? Por isso, o crente pode olhar para o futuro e dizer “pelo que não temeremos” (v. 2).

Ainda que o crente e o povo de Deus tenham que enfrentar as piores ameaças, indicadas no salmo pelo estremecimento da terra, e dos montes, e terríveis tempestades (v. 3), Deus é a nossa fortaleza e nosso refúgio nos momentos mais incertos da vida.

2. Deus é nossa alegria (v. 4-7). Jerusalém estava cercada pelo exército inimigo e as fontes de água para a cidade ficavam fora dela, o que deixava a cidade fragilizada, pois a qualquer momento o inimigo poderia cortar o suprimento de água. O rei Ezequias construído um sistema subterrâneo que ligava os mananciais no vale do Cedron ao tanque de Siloé, dentro da cidade, no alto do monte Sião (2Rs 20.20; 2Cr 32.30). O salmista sabia que a alegria da cidade não dependia dessa água. Ele reconhecia que Deus era quem alegrava a cidade com a sua presença, que era simbolizada pelo templo. Como Deus habitava com o povo (“Deus está no meio dela”), havia a certeza de que ele ajudaria a cidade. Bastaria uma ordem do Deus Altíssimo e os inimigos seriam derrotados (v. 6), como

aconteceu com o exército assírio. É a presença de Deus que faz com que haja rio de alegria, mesmo em situação de extrema dificuldade.

A certeza de que Deus está conosco, pois somos servos de Jesus Cristo, que é Emanuel, “Deus conosco”, e que nos dá de beber a água que é fonte que jorra para a vida eterna (Jo 4.14), encontramos paz, a força necessária para enfrentar os problemas, as adversidades, e temos alegria em qualquer circunstância.

3. Deus será exaltado (v. 8-11). O salmista convida a contemplarmos as obras de Deus e manda ver sua intervenção para colocar fim às guerras, aos armamentos usados contra o seu povo. A ordem de Deus, então, é: *aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus* (v. 10). Ele é a “força invencível” do seu servo e do seu povo, por isso podemos descansar nele. O resultado de tudo não é apenas o benefício para quem confia em Deus, mas a firme intenção de Deus de ser exaltado, de ser glorificado por todos pelas obras que realiza.

Firmes como o monte de Sião

Salmo 125 – O salmista compara aqueles que confiam no Senhor ao monte de Sião, firme, imponente, que não se abala (v. 1). Depois, no v. 2, ele compara a cadeia de montes que circunda Jerusalém com a proteção de Deus, que continuará à volta de seu povo para sempre.

Com a presença de Deus, é certo que um dia a sua justiça prevalecerá (cetro é o bastão que simboliza o poder e a justiça de um rei, v. 3). O poder da impiedade não pesaria para sempre sobre o povo a fim de que não se desviasse para praticar a iniquidade. O autor termina com uma súplica a Deus que faça o bem aos retos, que são os que confiam nele e o obedecem. Declara que ímpios serão tratados segundo suas obras de maldade; e, uma vez afastados os maus, haveria paz em Jerusalém.

A confiança em Deus torna os crentes inabaláveis, mesmo nos momentos da mais dura adversidade, e isso porque Deus é firme e fiel em cuidar do seu povo.

A oração do salmista, nos versículos 4 e 5, é pedindo que Deus faça o bem aos bons, que são os que confiam em Deus, e aos retos de coração, que são aqueles que são obedientes e fiéis a Ele.

A proteção de Deus aos seus servos e ao seu povo não isenta de buscar uma vida de retidão diante dele. A fé implica em submissão ao Senhor Deus e consciência de que Ele exerce a disciplina: distingue entre os justos, que viverão eternamente, e os injustos, que perecerão diante de seu juízo.

O Novo Testamento nos ensina que os justos são aqueles que creem em Jesus Cristo como Salvador, então são justificados, sem que o mereçam, pela graça de Deus e passam a ter paz com Ele (Rm 5.1).

PARA APLICAR À VIDA

1. O apelo de Deus por meio do salmista continua válido para todos os seus servos, em todos os tempos: *Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus* (Sl 46.10). Não temamos as calamidades naturais, nem as calamidades provocadas pela arrogância dos poderosos que promovem guerras devastadoras; nem temamos as doenças, nem as mais diversas aflições que tenhamos que enfrentar porque Deus é o nosso refúgio, é a nossa fortaleza.

2. A nossa firmeza para enfrentar as adversidades está no Senhor Deus. Ele nos envia o socorro; ele nos guarda, e nos dá a sua presença para permanecermos firmes, sem que nada abale a nossa confiança nele.

3. Deus é nossa fortaleza, o lugar seguro em que encontramos proteção nos momentos de aflição.

4. Você está enfrentando momentos de aflição? Deposite sua confiança inteiramente em Deus, ore e Ele virá em seu socorro.

6 Firmeza em situações extremas

Para ler na Bíblia: Daniel 1.1-21; 3.1-30; 6.1-28

Para Memorizar: Daniel 3.17

Precisamos de exemplos e os encontramos nos crentes do passado, pessoas como nós, que enfrentaram situações muito difíceis, passaram por muitas provações, mas continuaram firmes em sua fé, em sua confiança e em sua fidelidade a Deus.

Um dos exemplos temos nos quatro jovens de Judá que foram levados cativos quando seu país foi invadido e dominado pela Babilônia. Naquela época, 605 a.C, a Babilônia era o país mais rico e poderoso do mundo. Os quatro jovens foram levados para o palácio do rei e os seus nomes foram mudados: Daniel passou a se chamar Beltessazar, Hananias passou a ser Sadraque, Misael passou a se chamar Mesaque e Azarias recebeu o nome de Abede-Nego (Dn 1.7).

Na corte do rei eles receberiam todo o conhecimento babilônico e isso incluía aprender sobre os muitos deuses, sobre astrologia, e encantamentos. Iriam estudar um pensamento totalmente estranho a tudo o que aprenderam em seu país. Eles corriam o risco de se orgulhar por estar num país rico e poderoso, com o conhecimento mais avançado da época, e dar as costas para o seu povo e o seu Deus. Podiam também ceder às pressões para serem iguais aos outros jovens. No entanto, não foi isso o que aconteceu porque aqueles jovens escolheram ser fiéis a Deus e confiar nele para enfrentar as dificuldades de viver como cativo num país estrangeiro, mesmo recebendo boa educação e depois, uma boa posição do reino (Dn 2.48,49).

Os quatro jovens passaram por momentos de muita aflição, a fé foi provada, e enfrentaram situações em que suas vidas ficaram em sério perigo, e só sobreviveram pela intervenção milagrosa de Deus.

Firmeza para enfrentar a morte na fornalha

Daniel 3:1-30 – O rei Nabucodonosor mandou construir um ídolo gigantesco, com 27 metros de altura. Não era um obelisco, era uma imagem (Dn 3.3) que representava os deuses babilônicos. O ídolo foi colocado numa planície e podia ser visto a quilômetros de distância. A finalidade da imagem era levar todos os povos do império, e todos os componentes do governo a uma unidade religiosa, que garantisse absoluta fidelidade ao poderoso Nabucodonosor. Além disso, pretendia levar os exilados judeus a adotarem os deuses babilônicos, abandonando sua crença em um único Deus. Era uma medida de controle político-social de todos os povos conquistados, usando para isso a religião.

O rei Nabucodonosor convocou todos os governantes das províncias para a inauguração, a fim de que presenciassem seu poder representado na suntuosidade da imagem, e o rei obtivesse a obediência de todos os habitantes do império. Essas autoridades regressariam às suas províncias, e transmitiriam aos povos a ordem de adoração dada pelo rei, e informariam sobre a condenação à morte de todos que se negassem a prestar honras à imagem. O culto demoníaco a deuses falsos e ao governante, que se considerava todo-poderoso, estaria estabelecido e, com isso, o poder do rei se consolidaria em todos os países sob seu domínio.

Todos os súditos do rei obedeceram a sua ordem e se prostraram em adoração à estátua de ouro. Mas os três amigos de Daniel, Hananias (Sadraque), Misael (Mesaque) e Azarias (Abede-Nego), não obedeceram. Logo os mensageiros chegaram ao rei com essa notícia e o rei mandou-os chamar para pedir explicações. O rei resolveu dar-lhes uma oportunidade de obedecê-lo e avisou que não havia deus que pudesse livrá-los das suas mãos (Dn 3.15). Mesmo diante da fúria e das ameaças do rei, corajosamente os três homens testemunharam da sua fé no único Deus verdadeiro. Eles confiavam que Deus poderia livrá-los, impedindo de serem lançados na fornalha (Dn 3.17), mas mesmo que Deus não os livrasse da morte na fornalha, eles não adorariam a estátua de ouro (Dn 3.18).

Furioso com a ousadia dos três servos de Deus, o rei mandou aquecer a fornalha ao máximo, ordenou que os homens mais fortes do seu exército amarrassem os condenados e os lançassem dentro

da fornalha. A tal ponto chegou a temperatura que os soldados morreram imediatamente.

Quando o rei olhou para ver os três homens entre as chamas, ficou espantado porque os viu vivos, soltos e caminhando entre as chamas. No entanto, não estavam só eles, havia um quarto homem, cujo aspecto era sobrenatural. Deus havia enviado um anjo para proteger seus servos. Deus anulou o efeito das chamas e deu grande livramento aos seus três servos que escolheram confiar e permanecer fiéis a Ele. Atendendo ao chamado do rei, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram da fornalha sem nenhum sinal de que haviam estado no meio do fogo.

Com a expressão “servos do Deus Altíssimo” (Dn 3.26), o rei não reconheceu o Deus dos judeus como o único e verdadeiro Deus, mas o considerou como o deus principal entre todos os deuses em que acreditava, porque fez aquilo que nenhum outro deus havia podido fazer: livrou da morte os três homens que confiaram nele. Por isso, incluiu o Deus verdadeiro entre os muitos deuses que deviam ser respeitados entre as nações que dominava (Dn 3.27-29).

Firmeza para enfrentar a morte na cova dos leões

Daniel 6:1-28 – Daniel tinha uma alta posição na Babilônia, pois era um dos três supervisores dos governadores do reino (Dn 6.1,2) e o rei planejava fazê-lo governador de todo o império. Alguns homens, movidos pela inveja, procuraram motivo para acusar Daniel diante do rei, mas nada encontraram porque ele não era corrupto nem negligente. Perceberam que só conseguiriam destruí-lo armando-lhe uma cilada religiosa. Escreveram um decreto para o rei assinar, que estabelecia o seguinte: por trinta dias só se poderia fazer pedidos ao rei; se alguém fizesse pedido a qualquer deus ou a outra pessoa, seria condenado à morte na cova dos leões.

Daniel tomou conhecimento do decreto e resolveu não obedecê-lo. Confiando em Deus, mesmo arriscando a vida, Daniel manteve o seu costume de orar três vezes ao dia diante das janelas dos seus aposentos.

Os inimigos de Daniel foram espioná-lo e o encontraram orando. Os homens denunciaram Daniel ao rei, que, embora penalizado e reconhecendo a sua integridade, não teve outra alternativa e

mandou executar a sentença de morte: Daniel foi lançado aos leões. A situação do servo de Deus era extremamente crítica porque uma pessoa quando lançada na cova dos leões não tinha como fugir e tinha uma morte terrível.

Não teria sido prudente uma acomodação? Não poderia Daniel orar às escondidas? Ele considerou que seria uma indignidade e uma infidelidade a Deus submeter-se àquele decreto. Preferiu pagar com a vida e manter-se fiel à sua convicção, à sua fé no Deus verdadeiro. Na situação extrema, a fidelidade e a confiança de Daniel não foram abaladas. Deus salvou-o mandando um anjo que fechou a boca dos leões. O rei reconheceu que o milagre acontecera porque Daniel “crera em Deus”, e se mantivera firme diante da situação extrema.

PARA APLICAR À VIDA

1. O fato de ter havido milagre para o livramento dos três amigos e também de Daniel, não deve ser usado por nós como incentivo ao fanatismo ou à imprudência.

2. O fato de Deus ter livrado milagrosamente os seus servos não é promessa para nós, pois nem sempre Deus livra seus servos. Os amigos de Daniel sabiam disso, pois disseram: “Ele nos livrará, mas se não nos livrar...” (Dn 3.17,18). Lembremo-nos de que Pedro foi libertado milagrosamente da prisão, mas outros morreram nas mãos dos inimigos de Cristo, como por exemplo Estevão (At 7.58-60) e Tiago (At 12.1-11).

3. Esses fatos nos ensinam que Deus tem poder para agir em nosso favor mesmo em situações extremas e mesmo não sabendo como Ele agirá, precisamos confiar nele e manter nossa fidelidade a Ele.

4. A firmeza em situações extremas se mostra em confiança no poder de Deus, em obediência e submissão à sua vontade.

7 É preciso cuidar da mente

Para ler na Bíblia: Romanos 12.1,2; Filipenses 4.4-8

Para Memorizar: Filipenses 4.8

A nossa mente é maravilhosa e complexa. Das funções mentais participam a memória, a seleção do que perceber, do que recordar ou aprender, a decisão sobre o que desejamos ou não fazer, a compreensão, os sentimentos, as emoções, a linguagem.

Nos momentos em que passamos por situações difíceis a mente está em ação o tempo inteiro, mas muitas vezes nos arrastando para a tristeza, para o medo, para a dúvida. Precisamos, então, cuidar de nossa mente antes de entrarmos em situação de aflição para que possamos atravessar os tempos de adversidade tomando decisões certas, fazendo escolhas corajosas e coerentes com a nossa fé no Senhor Jesus e mantendo nossa confiança nele.

Temos a mente de Cristo

1Coríntios 2.13-16 – O apóstolo Paulo contrapôs a sabedoria humana com a sabedoria que vem do Espírito Santo (1Co 2.13). Afirmou que o homem natural, porque não tem o Espírito Santo, não aceita as coisas que são de Deus e estas lhe parecem loucura uma vez que não as pode entender (1Co 2.14).

O crente tem o Espírito Santo e recebe dele sabedoria para conduzir sua vida em qualquer circunstância. Mas é preciso que o crente não se deixe arrastar pelo “espírito do mundo” (1Co 2.12), que são as inclinações para o pecado, as ideologias opostas à verdade de Deus, as crenças contrárias ao ensino de Jesus e dos apóstolos.

O crente tem a mente de Cristo (1Co 2.16). Isso quer dizer que pela atuação do Espírito Santo tem os pensamentos e as orientações do próprio Senhor Jesus para entender as coisas espirituais, re-

conhecer o seu valor e pautar seus pensamentos, suas decisões, seus sentimentos pelo que é espiritual, pelo que foi revelado por Deus em Cristo Jesus e está registrado em sua Palavra. Assim o crente tem capacidade para entender as circunstâncias da vida, separar o certo do errado e tomar decisões de acordo com a vontade de Deus. Como tem a mente de Cristo, o crente encara a vida do ponto de vista do Senhor Jesus e não de acordo com aqueles que não têm o Espírito Santo e que, portanto, não são redimidos pelo Salvador.

Isso não significa que não tenhamos problemas para tomar decisões, para saber o que é certo e o que é errado, e para suportar as adversidades. Mas temos convicção de que o Espírito Santo nos dá sabedoria e nos conduz para tomarmos as decisões que se harmonizam com o querer e o sentir do Senhor Jesus.

A mente renovada

Romanos 12.2 – *Transformai-vos pela renovação da vossa mente*. Essa é a maneira pela qual o crente não se deixa moldar pelos critérios daqueles que não podem entender as coisas espirituais (o mundo) por não terem o Espírito Santo. O crente, porque tem “a mente de Cristo”, não cede à forma de pensar e agir da sociedade em que vive.

Renovar é fazer novo outra vez, é transformar para melhor. Isso significa que o crente deve deixar o Espírito Santo mudar sua maneira de pensar, de avaliar, de decidir, de sentir e de agir. Ao mudarmos nossa forma de pensar também mudamos nossa maneira de viver, nossas atitudes, nosso comportamento.

A renovação da nossa mente, que é a nossa forma de pensar, não é instantânea, mas é um processo do qual o crente participa com as coisas que escolhe para alimentar a sua mente. Se o crente, por exemplo, vê vídeos com adultério, prostituição, desrespeito, palavrões ou se ouve músicas com letras impróprias, até mesmo que honram ídolos e desrespeitam ao Deus verdadeiro, sua mente não será renovada e, por isso, o seu comportamento continuará igual ou parecido ao das pessoas que não têm o Espírito Santo.

É por meio da renovação da mente que nós, os crentes, somos transformados e experimentamos, na prática, “a vontade de Deus que é boa, agradável e perfeita”.

Em que pensar

Filipenses 4.7,8 – A mente funciona permanentemente e muitas vezes sem que a possamos controlar. Mas naquilo em que a podemos controlar, precisamos escolher com que ocupá-la porque é disso que resulta o que decidimos e como é o nosso comportamento.

Ter um comportamento digno de Deus, como seus filhos, depende da nossa mente, que é a sede dos nossos pensamentos, do nosso entendimento. Por isso o apóstolo Paulo nos ensina a procurar “as coisas que são de cima”, as coisas celestiais e o motivo para isso é que o Senhor Jesus está no céu em posição de honra (Cl 3.1,2). Paulo não está ensinando uma vida afastada dos relacionamentos sociais, familiares e de amizade, mas está nos dizendo que todas as coisas, na vida do crente, estão sob uma nova luz: a eternidade, o reino de Deus.

A busca pelas coisas que são de cima só acontece por uma determinação da nossa vontade e essa busca se mostra valiosa em todos os momentos da vida. Quando o crente passar por provações e adversidades, buscar as coisas que são de cima conduzirá as decisões e os sentimentos.

Os crentes de Filipos enfrentavam perseguição, e o apóstolo Paulo animou-os a não estarem inquietos, mas a orarem, pois a paz de Deus guardaria seus corações (mentes) e seus sentimentos em Cristo (Fl 4.7). E ensinou-os também em que pensar, com que ocupar a mente. Leia Filipenses 4.8.

1. O crente deve ocupar sua mente com tudo o que é verdadeiro em contraste com o que é falso, errado, ilusório, imaginário e enganoso. A mente do crente, então, deve estar ocupada com aquilo que é verídico, que é autêntico, que é correto.

2. O crente deve ocupar sua mente com tudo o que é honesto, no sentido de ser digno, de ser nobre por sua qualidade moral elevada.

3. O crente deve ocupar sua mente com tudo o que é justo, isto é, com tudo o que é correto nos relacionamentos, nos negócios, nas atitudes, nas palavras, no comportamento. O que é justo inclui todos os nossos deveres.

4. O crente deve ocupar sua mente com tudo o que é puro, portanto, moralmente correto, em oposição ao que é sujo, vil e obscuro. A pureza de pensamento é condição indispensável para a pureza

das palavras (“não saia da boca de vocês nenhuma palavra torpe” - Ef 4.29), e para a pureza das ações.

5. O crente deve ocupar sua mente com tudo o que é amável, portanto, aquilo que é agradável, que é bom, que resulta em atitudes bondosas. O pensamento amável contrasta com pensamentos de amargura, rancorosos e vingativos.

6. O crente deve ocupar sua mente com tudo o que é de boa fama, aquilo que é honroso, digno, e de boa reputação. Pensar no que é de boa fama, leva a não difamar, a não caluniar, a não falar mal dos outros.

7. O crente deve ocupar sua mente com tudo em que há virtude, isto é, tudo em que há excelência, valor espiritual, valor moral.

8. O crente deve ocupar sua mente com tudo em que há louvor, que merece a aprovação de Deus e das pessoas corretas.

PARA APLICAR À VIDA

1. Vivemos numa sociedade em que as pessoas se preocupam com o que vão sentir (a emoção) e se vai funcionar (o pragmatismo), mas a Palavra de Deus ensina a não basearmos nossa vida no sentir, porque a emoção é instável. O crente é ensinado a respeito de pensar, considerar, aprender, ter entendimento para conduzir sua vida, em todas as circunstâncias, pelo padrão de Deus.

2. O crente não está cego para as coisas pecaminosas e más da sociedade em que vive, mas ele escolhe, mesmo nos momentos de adversidade, de aflição, ocupar sua mente com aquilo que caracteriza a renovação da mente, dos propósitos e da forma de discernir as coisas.

3. Em momento algum nossa mente pode vagar desordenadamente, nem estar ocupada com coisas indignas ou de menor valor, pois os pensamentos levam a comportamentos coerentes com eles. Por isso, o pensamento correto não é uma opção para o cristão, mas uma ordem a ser obedecida, em todas as circunstâncias da vida: boas ou más; alegres ou de aflição e angústia.

8

Certezas que nos dão segurança

Para ler na Bíblia: Romanos 8.1-39

Para Memorizar: Romanos 8.38,39

Quando estamos em momentos de aflição, muitas vezes parece que estamos sozinhos, e que nada mais tem significado. Nessas horas precisamos de algumas certezas para tomarmos decisões, para nos tranquilizarmos e para esperarmos com confiança em Deus.

A certeza de que não há condenação para quem está em Cristo

Romanos 8.1-4 – Enfrentar um julgamento é coisa terrível, quanto mais enfrentar o julgamento do último dia, realizado pelo Senhor Jesus. Mas o cristão não tem medo deste momento porque já está preparado. Ele fez a única coisa que uma pessoa pode fazer para não receber a sentença condenatória: ele colocou sua fé em Jesus. *Quem crê nele não é condenado* (Jo 3.18).

Quem está em Cristo, unido a ele pela fé, está livre da pena do pecado, que é a condenação à morte eterna (Jo 5.24). Jesus, ao morrer na cruz em nosso lugar, removeu a sentença de morte que pesava sobre nós, em consequência do pecado. Aquele que crê em Jesus reconhece que foi substituído por ele na cruz, admitie que é pecador e que precisa da salvação que só o Filho de Deus pode dar.

Ao crer em Jesus, o crente fica livre “da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2), que é um princípio interno, uma força atuante nele, que o impulsiona para o pecado e para a morte. Em seu interior passou a atuar um outro princípio que é a vida, que só Jesus pode dar porque ele mesmo é a vida (Jo 1.4; 6.47; 14.6)

Unidos a Cristo pela fé também ficamos livres da lei exterior, que são os preceitos estabelecidos por Deus na lei de Moisés. Essa lei estava enferma, enfraquecida, incapacitada de realizar a salvação

porque nossa natureza carnal, pecaminosa, nos impedia de cumpri-la (v. 3). Mas Deus, na sua graça, enviou seu Filho em carne, isto é, com a mesma constituição física da humanidade, e atuando no próprio terreno do pecado, cumpriu a lei de Deus, venceu o pecado e nos tirou do seu domínio.

Estando livres da lei e das suas punições, e tendo a natureza transformada, o crente não está sujeito à condenação eterna. Ele está livre da pena do pecado, e está livre do medo de comparecer diante do tribunal de Cristo no último dia (1Jo 4.17, 18). *Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus* (Rm 8.1). Essa certeza faz com que enfrentemos as adversidades de maneira confiante porque já estamos livres do pior que poderia nos acontecer.

A certeza de que o Espírito Santo vive em nós

Romanos 8.5-14 – Há dois planos de vida: o material e o espiritual. Vivem “segundo a carne” aqueles que seguem seus impulsos naturais para o pecado, que é inimizade contra Deus porque não estão sujeitos à lei de Deus. Essa lei (Rm 8.2) é o princípio de vida, a nova natureza, implantada naquele que crê em Cristo. Essas pessoas, por mais que se esforcem, não podem agradar a Deus (Rm 8.8) porque não vivem de acordo com o Espírito e não vivem para as coisas do Espírito (Rm 8.5).

Os espirituais são aqueles que se submeteram a Cristo pela fé e o receberam como Salvador e Senhor, e por isso o Espírito Santo vive neles. O mesmo Espírito que poderosamente ressuscitou a Cristo habita em nós, os que cremos em Jesus e estamos unidos a ele pela fé (Rm 8.10,11). Esse mesmo Espírito garante que vivamos uma nova vida, pois “o espírito vive” e nos garante a ressurreição final.

A certeza de que somos filhos de Deus

Romanos 8.15-17 – Deus estabeleceu o relacionamento de pai para filho com os pecadores justificados pela fé em Jesus, e, por isso livres da condenação. A obra de Deus consiste em formar uma família em que Cristo é o primogênito. Nós, os que estamos em Cristo pela fé, nos tornamos filhos de Deus, e o Espírito Santo, que habita em nós, dá testemunho dessa realidade em nossa consciência, e nos

dá a certeza dessa filiação. Sendo filhos, somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, então, herdamos junto com ele na família de Deus. Isso, não nos faz príncipes nem princesas. Essa designação não é encontrada em referência aos crentes em lugar algum da Palavra de Deus. Ser herdeiros de Deus nos dá a certeza de que unicamente pela sua graça, sem merecimento nosso, fomos aceitos como filhos e Deus nos colocou na sua família e temos como herança garantida a vida eterna.

Quando o apóstolo Paulo diz que recebemos o “espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai” (Rm 8.15), não está dizendo que podemos chamar Deus de “papaizinho”. Paulo usou a palavra aramaica “aba” e em seguida deu a sua tradução, que é pai. Então, por estarmos em Cristo, e termos sido aceitos como filhos por adoção, passamos a chamar Deus de Pai. Esse privilégio não é merecimento nosso, nem é conquistado pelo nosso esforço, mas é o resultado do grande amor de Deus em dar Jesus, o Filho Unigênito, para a nossa salvação (1Jo 3.1-5).

A certeza de que estamos seguros em virtude dos soberanos propósitos de Deus

Romanos 8.18-30 – As aflições que enfrentamos, principalmente por sermos discípulos de Cristo, não podem ser comparadas com a glória que alcançaremos. Sabendo que estamos seguros nas mãos de Deus, e que a salvação é obra da soberania de Deus, podemos descansar. Nós temos a certeza de que tudo está sendo conduzido por Deus de modo que a sua vontade seja consumada. Nenhum evento da história contrário à obra de Deus poderá impedir o avanço e a realização da vontade de Deus, que é a formação do seu povo na eternidade (Rm 8.28).

Nossa segurança está na soberania e onipotência de Deus. A salvação foi planejada com antecipação (Ap 13.8). Deus nos conheceu, predestinou e chamou. Isso quer dizer que Deus, ao criar o ser humano, já o fez com a determinação de salvá-lo. Não quer dizer que Deus tenha predestinado individualmente uns para filhos e outros para a perdição. Ele predestinou o ser humano para a sua glória, mas as pessoas, individualmente, pelo livre-arbítrio, escolhem ou a salvação ou a perdição.

Assim, Deus, pelo critério da fé com arrependimento, faz o processo de eleição dos salvos, separando-os dos não salvos. Portanto, nossa salvação faz parte dos eternos propósitos de Deus.

A certeza de que nada nos separa do amor de Deus

Romanos 8.31-39 – Nada *poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor* (Rm 8. 39). O apóstolo Paulo escreveu essa verdade para nos levar a um nível mais alto de confiança plena em Deus. Com esse texto somos chamados a celebrar o amor de Deus e nossa segurança em Cristo.

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Com esta pergunta Paulo não quer que nos julguemos pessoas poderosas, podendo realizar todos os nossos desejos porque Deus sempre estará a nosso favor para realizá-los. O que o apóstolo nos mostra é que o crente enfrenta as mais diferentes formas de adversidades, como: pessoas que não gostam dos cristãos, perseguições e as provações da vida. Enfrenta também Satanás, que é nosso adversário. Mas tudo isso pode ser vencido porque, em Cristo, Deus nos garante a glória final e também provê o necessário para vencermos a oposição e as provações.

Nas mais diversas dificuldades e sofrimentos – tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada – *somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou*. Com isso Paulo enfatiza que em meio a todas as experiências desagradáveis contamos com a ajuda de Deus, então, não é no final de tudo que triunfaremos; já somos vencedores mesmo quando mergulhados nas situações mais dolorosas. O apóstolo Paulo destaca a certeza do triunfo do cristão sobre toda a adversidade.

A nossa vitória é garantida porque é impossível alguém ou qualquer coisa nos separar do amor de Deus, que está assegurado em Cristo Jesus.

PARA APLICAR À VIDA

1. Você já tem essas certezas?
2. Como você aplica essas certezas à sua vida?

9

A suprema esperança

Para ler na Bíblia: 1 Tessalonicenses 4.13-18

Para Memorizar: 1 Tessalonicenses 4.13

Um dos motivos de maior angústia para o ser humano é a sua finitude. Refletir sobre a própria morte e ter que enfrentar a morte de familiares e amigos produz tristeza e ansiedade. A Palavra de Deus tem ensino para nos fortalecer e confortar quando estamos diante da morte.

Dormir em Cristo

1 Tessalonicenses 4.13 – A preocupação dos crentes de Tessalônica era com os irmãos que já haviam morrido, aos quais o apóstolo Paulo se refere com a palavra “dormem”. Como a expectativa dos crentes era que Cristo voltaria em breve, ainda na época deles, queriam saber se os crentes que morreram seriam privados de participar da gloriosa volta do Senhor Jesus.

Dormir era uma expressão muito usada para se referir à morte. Foi usada no Antigo Testamento (Dn 12.2) e no Novo Testamento (Jo 11.11-13; 1Co 15.6,18, 20, 51). Em nenhum lugar da Bíblia a palavra dormir é usada para ensinar o sono da alma, inconsciência da alma ou a sua inexistência no período entre a morte física e a ressurreição.

Jesus ensinou que aquele que crê em Deus e nele, o Filho, tem a vida eterna (Jo 5.24; 6.47), ou seja, no momento em que creu tornou-se possuidor da vida eterna e imediatamente foi transportado da morte para a vida. O crente continua sujeito à morte do corpo, mas não há descontinuidade da vida, pois a vida eterna começou quando creu. Portanto, não há um período em que o crente deixe de existir ou que esteja inconsciente após a morte para só viver no dia da ressurreição.

Outro ensino de Jesus é que a pessoa que crê nele, imediatamente após a morte estará com Ele. Isso fica claro no episódio do ladrão na cruz, que crendo na última hora, ouviu de Jesus: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso* (Lc 23.39-43). O ladrão que creu recebeu a garantia de que naquele mesmo dia se encontraria com Jesus no Paraíso, isto é, no céu, nas mansões celestiais, a casa do Pai (Jo 14.1,2).

Não há diferença entre Paraíso e Céu. Em Apocalipse 2.7 a palavra paraíso é usada claramente como sinônimo de Céu, pois fala da árvore da vida que está onde fica o trono de Deus e onde está o Cordeiro (Ap 22.1-3).

O crente tem a garantia de que a morte física (dormir) não anula a sua existência, mas que sua alma estará junto com o Senhor Jesus no Céu, aguardando a ressurreição.

O apóstolo Paulo tinha essa certeza e escreveu que desejava *partir e estar com Cristo, porque isto é muito melhor* (Fl 1.23). Escreveu também que estava *sempre de bom ânimo* enquanto estava no corpo e que tinha confiança de que deixar esse corpo era para *habitar com o Senhor* (2Co 5.6-8).

A esperança do crente

1 Tessalonicenses 4.13,14 – A sociedade em que vivemos tem muitas crenças a respeito da morte e nenhuma com base no ensino de Jesus e dos apóstolos, portanto, enganadoras e algumas doadoras de falsas esperanças.

Os crentes de Tessalônica viviam numa sociedade que ensinava que aquele que morria ia para um lugar de noite eterna; outros ensinavam a reencarnação em outros corpos humanos e até em animais. Diante dessas crenças as pessoas só tinham que lamentar e se entristecer. O apóstolo Paulo não queria que os cristãos se influenciassem com essas falsas crenças, como se para eles não houvesse esperança.

A esperança cristã tem dois aspectos: há vida após a morte, e há ressurreição. O cristão tem essa certeza amparado na convicção de que Jesus morreu e ressuscitou. Deus, que ressuscitou Jesus, no dia da volta do Senhor Jesus tornará a trazer os que dormiram (morreram) crendo em Jesus.

A esperança do crente não é uma mera aspiração de que algo bom se realize. A esperança do crente é a confiante certeza de que tudo acontecerá exatamente como Jesus prometeu. Ele garantiu que há lugar para os crentes na casa do Pai (Jo 14.1,2) e prometeu que ressuscitará, no último dia, todo aquele que crê nele (Jo 6.40).

O arrebatamento

1 Tessalonicenses 4.15-17 – O ensino do apóstolo Paulo é que os crentes que morreram antes da volta de Jesus, Deus os trará com Jesus (1 Ts 4.14). Sendo assim, os crentes que morreram estão com Jesus (Fl 1.23). Quando o Senhor vier, trará estes crentes com Ele, que nesta ocasião ressuscitarão: receberão o corpo incorruptível (1 Co 15.42).

Os crentes que estiverem vivos no dia da volta de Jesus serão transformados e glorificados (1 Co 15.51,52) e levantados rapidamente (arrebatados) para encontrar com o Senhor no ar. O arrebatamento dos crentes não será secreto, pois haverá “voz de arcanjo”, haverá o soar de trombetas (1 Ts 4.16). Jesus, então, será acompanhado por todos os salvos: os mortos ressuscitados que virão com ele dos céus, e os vivos transformados (1 Co 15.52) e quando descer à Terra estabelecerá o juízo. Os crentes e os anjos (Mt 25.31) formarão o cortejo triunfal do Senhor Jesus. A partir do encontro nos ares, todos os salvos estarão para sempre com o Senhor na Jerusalém Celestial (Ap 21.1-4, 27).

A ressurreição de Cristo é a garantia da nossa esperança

1 Coríntios 15.20-34 – A ressurreição de Cristo é uma realidade. Ele é as primícias dos crentes que morreram. Primícias era o primeiro feixe de cereal colhido e levado como oferta a Deus (Lv 23.10-14). As primícias eram a certeza de que ainda havia mais para colher no campo. A ressurreição de Cristo, então, é a garantia de que os crentes também ressuscitarão (Rm 8.23). Cristo foi o primeiro a ressuscitar e permanecer vivo. Com a ressurreição de Jesus, Deus inaugurou uma nova realidade da qual os crentes participarão.

Entre as forças hostis que Cristo destruirá na sua segunda vida está a morte (1Co 15.24-28), que reina sobre a humanidade desde o pecado de Adão. Mas com a ressurreição de Cristo o seu poder foi destruído e por isso o crente não precisa temer a morte (Hb 2.14,15). No dia final, quando os crentes forem revestidos de incorruptibilidade, a morte será destruída e o crente terá total vitória por Jesus Cristo (1Co 15.53-57).

Diante da certeza da ressurreição, somos conclamados a ficar firmes na fé, e a não nos deixarmos perturbar pelos que zombam dessa gloriosa verdade, nem nos deixarmos inquietar com a certeza da morte física porque ela não é o fim. A certeza da ressurreição também deve nos impulsionar a viver a vida cristã e a testemunhar do Senhor Jesus com a convicção que esse trabalho não é inútil (1Co 15.58).

PARA APLICAR À VIDA

1. Esteja de bom ânimo sempre porque a morte daquele que está em Cristo não é o fim, mas é ir estar com o Senhor, o que é muito melhor, e junto com Ele aguardar o dia da ressurreição.

2. A tristeza diante da morte de um familiar ou de um amigo é natural. Essa tristeza precisa ser vivida, mas não deve ser desesperadora, pois não devemos nos entristecer como aqueles que não têm a esperança firmada nas promessas de Jesus.

3. Diante da morte, somos sempre desafiados a nos firmarmos na certeza da vida eterna e da ressurreição.

4. Tratamos neste estudo apenas da ressurreição dos crentes em Cristo, mas haverá também a ressurreição dos que não creem para a condenação (Jo 5.29; Mt 25.31,32,34,41). Sabendo disso, somos desafiados a cumprir a missão de testemunhas de Jesus para que muitos creiam e participem conosco da ressurreição para a vida eterna.

5. Não se deixe enganar por aqueles que argumentam contra a certeza de morrer e ir estar imediatamente no céu, da ressurreição do corpo no dia final. Mesmo que essas pessoas se apresentem como cristãs, como evangélicas, que usem a Bíblia, não aceite seus pensamentos que divergem da verdade ensinada por Jesus e pelos apóstolos.

10 Vivendo como ressuscitados

Para ler na Bíblia: Colossenses 3.1-17

Para Memorizar: Colossenses 3.17

Aquele que crê em Jesus Cristo aguarda a ressurreição do corpo no último dia, mas, agora, ele já ressuscitou. Isso aconteceu quando o Espírito Santo realizou o novo nascimento (Jo 3.1-14), e o crente passou a ser nova criatura (2Co 5.17). Ele foi, então, vivificado por Deus (Cl 2.13) e passou da morte para a vida. A realidade dessa ressurreição espiritual é simbolizada no batismo. Quando o crente é imerso, simboliza que ele morreu e foi sepultado, e quando sai da água, simboliza sua ressurreição com Cristo. *Sepultados com Cristo no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos* (Cl 2.12).

Ressuscitado com Cristo, o crente vive uma nova realidade espiritual que o projeta para a eternidade, então, ele orienta a sua vontade pelas coisas celestiais e em todas as circunstâncias, alegres ou tristes, busca os valores espirituais, os valores do reino de Deus porque sabe que está no mundo, mas que não pertence ao mundo (Jo 17.15,16). O crente é impelido pelo Espírito Santo a ter uma maneira de viver coerente com a sua realidade de ressuscitado espiritual (Cl 3.3,4).

Vivendo sem barreiras entre os irmãos

Colossenses 3.9,10 – Ao nascer de novo, o crente experimenta a ressurreição espiritual, e isso gera uma mudança na sua maneira de pensar e de se comportar. Em alguns aspectos, essa mudança é instantânea e em outros, é progressiva. É uma renovação contínua.

Uma das grandes transformações que acontece naquele que ressuscitou com Cristo é ter compreensão de que não há barreiras entre todos aqueles que receberam a nova vida. Não há barreira de

nacionalidade, nem de cor da pele, nem cultural, nem social. Também não há barreira por causa da diferença de sexos (Cl 3.11). Aqueles que estão em Cristo formam a família de Deus, na qual não há lugar para qualquer tipo de discriminação. Por isso o apóstolo Paulo afirma: *todos vocês são um em Cristo Jesus* (Gl 3.28).

Vivendo uma nova posição diante de Deus

Colossenses 3.12 – Os ressuscitados em Cristo *são eleitos de Deus, santos e amados*. Essas expressões mostram a nova posição que cada crente tem diante de Deus.

1. **Eleitos de Deus.** O crente foi eleito em Cristo, isto é, foi escolhido nele (Ef 1.4). Deus definiu por antecipação o critério da eleição: a fé em Cristo (Jo 3.18; Ef 2.8). Então elegeu (selecionou, escolheu) na eternidade que salvaria e adotaria como filhos todos os que cressem em Cristo. A salvação, pelo desejo de Deus, é para todas as pessoas (Jo 3.16; 1Tm 2.3,4), no entanto, respeita o livre-arbítrio que Ele mesmo nos concedeu e a pessoa pode escolher entre crer ou não crer. No momento em que crê, a pessoa passa para o grupo dos eleitos por Deus.

A eleição é ato do amor de Deus, disponível a todo o que crê em Cristo. A eleição não é merecimento nosso, também não é para benefício do crente, não é para ter vantagens pessoais. A eleição não é para sermos como príncipes ou princesas, mas é para servirmos a Cristo e tem como propósito a glória de Deus (Ef 1.4-6).

2. **Santos.** Aqueles que ressuscitaram com Cristo são santos porque Deus os separou para si (1Co 6.19,20). Isso faz com que o crente seja diferente espiritual e moralmente. Como Deus o separou para si, o crente tem que viver na santidade do próprio Deus (1Pd 1.15, 16). Não importa a circunstância que o crente esteja vivendo, ele é santo e seu procedimento tem que ser coerente com a santidade daquele a quem chama de Pai (1Pd 1.17). Lembrando sempre que o preço da nossa redenção e da nossa santificação é o precioso sangue de Cristo (1Pd 1.18,19).

3. **Amados.** Aqueles que ressuscitaram com Cristo são amados por Deus porque foram aceitos pela mediação de Cristo, que morreu e ressuscitou. Os crentes são amados por Deus não porque

mereçam, mas porque ao crerem em Jesus, o Filho Amado, Deus os aceitou também como filhos (Jo 1.12; Ef 1.4,5) e membros da sua família (Ef 2.19; 3,14,15).

Essa nova relação que o crente vive com Deus o impulsiona a resistir nas adversidades e a manter sua confiança em Deus em todas as situações que atravesse.

Vivendo com novas características

Colossenses 3.12-14 – As novas características que todos os que ressuscitaram com Cristo têm que apresentar na conduta do dia a dia, em qualquer circunstância, são reflexo do caráter de Deus, e evidência de que estão cumprindo a ordem do apóstolo Paulo: *Sejam imitadores de Deus, como filhos amados* (Ef 5.1).

1. O crente se reveste de misericórdia e benignidade em todos os seus relacionamentos. O crente deve ser conduzido por profunda preocupação com o outro e disposição para ajudá-lo (misericórdia, compaixão) em suas dificuldades, em suas necessidades. Por isso o crente terá sempre uma disposição bondosa para com as pessoas e a expressará em seus atos, em sua genuína preocupação com os outros quer sejam seus familiares, seus irmãos em Cristo ou qualquer outra pessoa.

2. O crente se reveste de humildade. Ser humilde não é menosprezar-se, não é julgar-se inferior aos outros. Ser humilde é ter uma opinião correta a respeito de si mesmo, reconhecer suas próprias fraquezas e limitações, e por isso não ser egoísta, não se colocar como superior aos outros, e não desvaloriza nenhuma pessoa, sempre reconhecendo que cada uma é criatura de Deus.

3. O crente se reveste de mansidão, que é a capacidade de deixar-se dirigir por Deus e por isso tem os seus instintos, os seus desejos, os seus impulsos e emoções controlados pelo Espírito Santo. O crente tem autocontrole, domina o seu gênio, domina a sua língua. Mansidão é o contrário de ira, de rudeza, de aspereza, de violência.

4. O crente se reveste de longanimidade que é a paciência com as outras pessoas, aceitando-as, por isso não guarda amargura nem rancor, nem busca vingança.

5. O crente suporta e perdoa as pessoas. A razão para essa atitude conciliadora é o fato de que o crente foi perdoado por Cristo,

então da mesma forma deve perdoar os irmãos em Cristo, a família e todas as pessoas. O perdão de Cristo é tanto o modelo como o motivo para o crente perdoar os outros.

6. O crente se reveste de amor. Sobre todas as características anteriores, o crente deve colocar o amor, uma vez que é ele que unirá as outras e lhes dará unidade, coesão e autenticidade.

7. O crente é dominado pela paz de Deus e é agradecido. Essa paz lhe foi dada quando creu em Cristo e foi salvo por ele. A paz que recebeu de Deus, então, precisa atuar como árbitro, como juiz, decidindo e acabando com os problemas que surgirem com as pessoas. E a nova vida que recebeu de Cristo, o perdão dos pecados e sua nova posição diante de Deus, faz com que o crente seja cheio de gratidão a Deus em todas as circunstâncias, mesmo na adversidade.

8. O crente é conduzido pela Palavra e tudo faz em nome de Jesus. A palavra de Cristo está no Novo Testamento e deve habitar em nós, sendo parte vital do que somos e de como nos conduzimos. Tudo o que o crente fizer deve ser em nome de Jesus, ou seja, será para honrar o nome de Jesus. O crente só agirá depois de responder à pergunta: posso invocar o nome de Jesus para isso que vou fazer ou dizer? Isso honrará o Senhor Jesus?

PARA APLICAR À VIDA

1. Nos momentos de adversidade, às vezes somos tomados por emoções fortes, e nossa tendência humana é descarregá-la sobre os outros em palavras e atitudes grosseiras e ofensivas. Mas como ressuscitados em Cristo precisamos nos controlar, e mesmo na adversidade continuar procedendo de acordo com as características que honram a Deus e que mostram que o temos como Pai.

2. Vivemos um novo relacionamento com Deus e isso nos leva a encarar os mais difíceis momentos com segurança, com confiança, sabendo que pertencemos à família de Deus e que temos um futuro garantido com Cristo.

11

Guiados pela fé

Para ler na Bíblia: Hebreus 11.1-40

Para Memorizar: Hebreus 11.1, 6

Os crentes, aos quais a Carta aos Hebreus foi escrita, estavam passando por perseguição e foram estimulados a guiarem suas vidas pela fé mesmo no meio de todo sofrimento que enfrentavam. Esse estímulo também é para nós e nos ajuda a prosseguirmos sem vacilação no meio de qualquer adversidade. Quando enfrentamos dificuldades para as quais não vemos solução, somos desafiados a manter a fé e sermos guiados por ela, pois essa é a melhor escolha durante toda a peregrinação aqui na terra.

O que é fé?

Hebreus 11.1 – Fé, de acordo com esse texto bíblico, é uma atitude mental de inteira convicção das realidades eternas e de inteira confiança em alcançar as promessas de Deus, por isso se manifesta em obediência a Ele.

1. **Crença ou convicção.** A fé é uma crença ou convicção que age na mente humana como base em relação a todas as realidades do mundo em que vivemos. Essa convicção se manifesta em todos os aspectos da vida de convivência com as pessoas e de relação com as coisas. Uma viagem de avião, por exemplo, envolve fé porque a pessoa tem convicção de que o piloto sabe conduzir o avião e que levará os passageiros para o destino que está escrito na passagem. O ser humano tem essa disposição mental que o leva a crer nas realidades que o envolvem.

A fé espiritual, entretanto, tem como objeto realidades superiores, que envolvem a existência de Deus, seu caráter perfeito, sua vontade boa e perfeita, seus planos e as realidades celestiais revela-

ladas por Ele em sua Palavra. A fé, então, é a certeza, a convicção que o crente tem em todas as realidades registradas nas Escrituras Sagradas. É essa convicção que é necessária para aquele que se aproxima de Deus (Hb 11.6).

A expressão *prova das coisas que não se vêem* tem o sentido de convicção inabalável das coisas espirituais que não podemos ver, como: Deus, Jesus, os anjos, a salvação, o reino de Deus, a Jerusalém Celestial, a ressurreição etc. É pela fé que temos certeza, a prova de que elas são reais.

A convicção do crente a respeito das coisas espirituais não se baseia em invenções da mente humana, mas no testemunho das Escrituras Sagradas, que são o registro da revelação de Deus para nós.

2. Confiança ou fundamento das coisas que se esperam. A fé é a garantia daquilo que aguardamos porque nos dá certeza de que as coisas prometidas por Deus, em sua Palavra, são realidades e que podemos esperá-las convictos de que as alcançaremos.

Nós não esperamos alcançar coisas imaginárias, coisas fantasiosas, mas esperamos aquilo que a Bíblia registra, pois são as promessas vindas de Deus.

Consequências da fé

Hebreus 11.2,3,6 – A fé que está firmada nas realidades reveladas por Deus em sua Palavra produz três consequências.

1. Pela fé o crente alcança aprovação divina (v. 2). As pessoas que serão mencionadas como exemplos, alcançaram bom testemunho pela fé. Em outras palavras, alcançaram a aprovação de Deus por terem vivido a confiança que as mantinha firmes na expectativa do cumprimento das promessas de Deus. Não é pela soma de realizações, nem de sacrifícios pessoais, nem pela caridade que se pode alcançar a aprovação de Deus, mas somente pela fé.

2. Pela fé o crente alcança o conhecimento da verdade (v. 3). É a fé que nos leva a conhecer a realidade invisível, da qual a primeira manifestação é aceitar que Deus trouxe à existência o universo pela sua palavra: “E disse Deus, haja e houve...” (Gn 1.3; Sl 33.9). É a fé que contempla a criação e tem confiança firme no Deus que criou e sustenta todo o universo.

3. Pela fé o crente alcança comunhão com Deus (v. 6). Pela fé o crente agrada a Deus porque vai a Ele (“se aproxima de Deus”) com plena confiança porque não duvida da sua existência. Consequentemente, o crente não duvida do caráter de Deus, que é perfeito e imutável, e se mostra em santidade, verdade, justiça e amor. Como recompensa (galardão) aos que que confiam em Deus, há o cumprimento das promessas que Ele fez.

Exemplos de fé

Hebreus 11.4-29 – A relação deste capítulo nos apresenta pessoas que viveram pela fé. Cada uma delas é encorajamento para que nós também vivamos pela fé, conduzidos pela confiança em Deus e convicção de que tudo o que Ele prometeu se realizará.

1. **Abel** ofereceu a Deus um sacrifício de justiça, isso quer dizer que ele sabia o que devia oferecer a Deus e fez o que Ele exigia. Abel demonstrou confiança em Deus ao obedecê-lo. Há, portanto, um vínculo essencial entre a atitude interna (ter fé) e as ações externas coerentes com essa fé.

2. **Enoque** “alcançou testemunho de que agradara a Deus”. Enoque era homem de fé e andava com Deus, o que implica em crer que Ele existe, aproximar-se dele e fazer a sua vontade. A vida de Enoque ilustra, portanto, a verdade de que sem fé é impossível agradar a Deus.

3. **Noé** foi avisado por Deus que destruiria a humanidade com um dilúvio e ordenou que ele construísse a arca na qual se salvaria com sua família. Ao construir a arca numa região árida, sem qualquer possibilidade de que um dia houvesse água suficiente para fazer flutuar o gigantesco barco, Noé deu testemunho que cria e confiava no Deus invisível. Sua atitude de fé e obediência deixou claro o seu repúdio àquela geração ímpia. Por dar crédito ao aviso de Deus, confiar e obedecer, Noé foi feito “herdeiro da justiça que é segundo a fé”. Isso quer dizer que seu modo de viver, crendo e obedecendo a Deus, foi um modelo de justiça porque oposto à incredulidade que o cercava.

4. **Abraão**, por ordem de Deus, deixou sua terra, sua parentela, seus negócios para peregrinar sem saber para onde ia. Ele acre-

ditou, confiou e obedeceu. Mais tarde, embora humanamente não houvesse qualquer esperança de que teria um filho de Sara, sua esposa, ele manteve a convicção de que a promessa de Deus se realizaria. Abraão cria na existência de uma cidade cujo fundamento é Deus (v. 10), e saiu em sua busca. Essa cidade ele não encontrou na terra porque é a Jerusalém Celestial (Ap 21.1,2).

5. **Sara** recebeu a promessa de Deus de que, mesmo sendo idosa e estéril, seria mãe de um filho. No meio da sua fraqueza julgou que era uma promessa difícil de se cumprir, mas manteve sua fé em Deus e sua confiança foi recompensada, pois ela teve um filho na velhice.

6. **Moisés** escolheu identificar-se com o povo de Deus, e abriu mão do poder e riqueza que teria como filho adotivo da princesa do Egito, portanto, neto do faraó. Ele considerou que sofrer a desonra pública por causa do Messias prometido (Cristo) era superior aos tesouros do Egito. Ele cria, portanto, numa realidade invisível, e escolheu-a. Dessa forma foi usado para libertar, conduzir e organizar o povo de Israel através do qual Deus cumpriria a promessa de enviar o Messias.

7. **Anônimos** (11.35-40). Quantas pessoas que viveram sob o antigo pacto de Deus com Israel e que acreditaram em Deus, e na sua promessa de enviar o Messias e por isso foram fiéis mesmo sofrendo perseguição, tortura e morte. Esses homens e mulheres do passado, cujos nomes nem conhecemos, são exemplos de pessoas que foram guiadas pela fé e nos estimulam a escolher o caminho da fé, vivendo-a em qualquer circunstância.

PARA APLICAR À VIDA

1. Deus recompensa a fé. A recompensa não é com milagres, riquezas ou sucesso, como muitos têm apregoadado enganosamente. Deus recompensa a fé com a sua presença constante e com a certeza da vida eterna.

2. As pessoas mencionadas como exemplos de fé não eram diferentes de nós, mas acreditavam na existência de Deus, confiavam integralmente nele e, por isso, guiavam suas vidas pela fé que se mostrava em obediência em todas as situações.

3. Você está sendo guiado pela fé?

12 Ânimo para prosseguir

Para ler na Bíblia: Hebreus 12.1-13

Para Memorizar: Hebreus 12.1, 2

Os cristãos hebreus estavam sob perseguição e além disso enfrentavam a ação de falsos doutrinadores que os incitavam a desistir da fé cristã e voltar ao sistema religioso dos judeus. Sob tais circunstâncias desalentadoras, os crentes estavam desanimando. Voltar ao judaísmo tornaria aqueles crentes livres de todo sofrimento que a perseguição lhes impunha. Diante disso, o escritor da Carta aos Hebreus demonstrou a superioridade do cristianismo e mostrou que havia motivos para perseverarem na vida cristã. Tudo o que foi dito àqueles crentes, continua sendo estímulo para nós em meio às dificuldades e aflições que possamos estar enfrentando.

A carreira cristã

Hebreus 12.1-3 – O curso da vida do cristão é comparado a uma corrida de atletismo, na qual é preciso “resistência disciplinada” para chegar ao final da prova. Aos crentes, na corrida da vida, são recomendadas cinco atitudes:

1. **Observar a grande nuvem de testemunhas.** As testemunhas são todas as pessoas citadas no capítulo 11. Essas pessoas foram fiéis a Deus em situações de muita adversidade e aflição e nos dão testemunho da fidelidade de Deus e do valor da fé em todo o curso da vida. Ao olharmos para essas testemunhas devemos recobrar o ânimo e nos mantermos na luta sem fraquejar, sem esmorecer.

2. **Deixar os embaraços.** Um corredor se livra de todo peso que o prejudicará na prova. Da mesma forma, o crente tem que deixar de lado tudo o que dificulte a carreira da fé. Há algumas coisas da vida que não são más, porém são embaraços para o crente, portanto, tudo deve ser avaliado sob a luz do efeito que provocará na corrida cristã.

3. Deixar o pecado. Qualquer pecado faz o crente tropeçar em sua carreira espiritual e traz-lhe sofrimento moral porque a consciência o acusa e o faz afastar-se de Deus. Assim, o crente é aconselhado a encontrar o pecado na sua vida e a abandoná-lo.

4. Correr com paciência. Nossa vida é uma ação contínua e desde o momento em que nascemos de novo, a vida tomou um novo curso e não podemos parar pelo cansaço, pelo medo, pela dúvida, pelos sofrimentos. Sejam quais forem os obstáculos, o crente tem que prosseguir na vida cristã com paciência, com persistência. Precisamos suportar o peso das adversidades, das aflições sem perder o ânimo porque a corrida em que o crente está exige esforço deliberado e contínuo.

5. Olhar para Jesus. Assim como os competidores corriam com os olhos postos na meta de chegada, o crente tem que correr a vida cristã com os olhos fixos em Jesus vitorioso sobre a morte e glorificado à direita de Deus.

Ao afirmar que Jesus é o “autor e consumidor da fé”, o autor da Carta coloca-o acima de todos os exemplos que enumerou em Hebreus 11 porque foi Ele quem nos trouxe salvação (Hb 2.10). Jesus, então, providenciou o necessário para que a fé do novo pacto fosse realidade. Portanto, é Ele quem leva o crente à sua meta.

Jesus, além de ser o autor e o consumidor da nossa fé, também nos dá o exemplo superior de perseverança porque “ele olhou para além das dolorosas circunstâncias da sua morte” e viu o resultado que seu sacrifício traria aos que cressem nele. A cruz era humilhante, era o castigo dos criminosos, e nela Jesus foi tratado como se não tivesse valor algum (Gl 3.13). Jesus desprezou tudo isso porque a cruz era insignificante quando comparada com a alegria da obra realizada. A vergonha da cruz foi substituída pela exaltação à direita de Deus.

Jesus enfrentou a tentação, o sofrimento, a morte e conquistou para nós as realidades eternas das quais só podemos nos apropriar pela fé. Assim, os crentes são animados a olhar além das suas dificuldades, dos seus sofrimentos e ver o galardão prometido por Deus aos que creem em Jesus. Ele é, portanto, o grande estímulo para prosseguirmos na carreira cristã, mas para isso o foco do cristão tem que estar sempre em Jesus em todas as circunstâncias da vida.

O sofrimento serve para disciplinar

Hebreus 12.4-11 – Os cristãos hebreus poderiam entender a perseguição e as aflições que sofriam como indicativo de que Deus não se importava com eles e que os havia abandonado no meio do sofrimento. Para animá-los e consolá-los, o autor da carta citou Provérbios 3.12 para mostrar que todo pai que ama disciplina seus filhos. A repreensão, então, tem seu valor e não é motivo para desânimo. Diante da disciplina divina, os crentes deviam submeter-se com reverência ao Pai, e reconhecê-la como instrumento para a formação do caráter e correção de ações e atitudes.

O autor da Carta aos Hebreus, em momento algum, dá a entender que o crente deve procurar o sofrimento por qualquer motivo, mesmo como forma de penitência. O que ensina é que o sofrimento chega como consequência da fidelidade a Cristo ou como consequência de vivermos no mundo. Quando o sofrimento chegar, deve ser entendido como Deus usando a adversidade para levar seus filhos à santificação.

Você pode estar se perguntando como Deus que é amor pode permitir e até mesmo usar o sofrimento e as aflições. As adversidades, as provações são usadas por Deus para no futuro nos dar motivo de alegria. Deus não é a fonte do mal, mas pode utilizá-lo para propósitos maiores. O maior exemplo disso é a cruz de Cristo. (Leia mais uma vez o Estudo 1.)

Precisamos enfrentar a adversidade, seja ela qual for, conscientes de que é parte inseparável de vivermos no mundo caído no pecado. Jesus nos avisou que teríamos aflições, então, precisamos estar preparados para enfrentá-las com paciência e aprender o que Deus nos quer ensinar em cada situação difícil.

É necessário reagir

Hebreus 12.12,13 – Os crentes hebreus já haviam suportado “grandes combates de aflições” (Hb 10.32), mas diante da situação que estavam vivendo, se abateram. O conselho era para reagir e voltar ao ânimo inicial, correndo com persistência a carreira cristã.

O autor usa duas figuras para descrever os corredores prestes a desistir: as mãos caídas e os joelhos vacilantes. Os crentes não deviam ficar assim, eles precisavam reagir.

Diante das circunstâncias adversas devemos reagir agindo da seguinte maneira:

1. **Tornando a levantar as mãos e a firmar os joelhos.** Os crentes já sabem da superioridade de Jesus e da eficácia do seu sacrifício e da realidade da sua vitória. Então, devem reagir, recuperar o ânimo e prosseguir enfrentando as aflições.

2. **Fazendo veredas direitas.** É preciso endireitar os caminhos, evitar as desculpas para justificar o desânimo, e evitar práticas morais desaprovadas por Deus. É preciso fazer vereda direita, isto é, correr em linha reta, comprometido com a justiça e com a santidade.

3. **Ajudar os que estiverem fraquejando.** A carreira cristã não é uma competição, mas é uma carreira de solidariedade pelo amor. Todos os que correrem a carreira cristã têm a garantia da vitória, então, precisamos nos ajudar mutuamente, encorajando uns aos outros e fortalecendo-nos em todas as circunstâncias.

PARA APLICAR À VIDA

1. Nós estamos na corrida cristã. Livremo-nos de todo embaraço e do pecado, olhemos sempre para Jesus e prossigamos sem desanimar.

2. Jesus nos preveniu de que neste mundo teríamos aflições, mas, ao mesmo tempo, nos encorajou a termos bom ânimo porque Ele venceu o mundo (Jo 16.33). É a vitória de Cristo que nos faz recobrar o ânimo porque Ele garantiu que participaremos da sua glória. Vivamos o nosso dia a dia fiéis a Cristo, a despeito de todas as adversidades que enfrentemos ao longo da jornada.

3. A oposição à fé cristã e aos valores cristãos tem aumentando no mundo e também em nosso país. Isso não deve nos amedrontar nem desanimar na luta contra o pecado e na fidelidade ao Senhor Jesus.

13 Jesus e nossas adversidades

Para ler na Bíblia: Marcos 6.45-52; Mateus 14.22-33

Para Memorizar: Mateus 14.27

Jesus alimentou uma multidão de mais de cinco mil pessoas, só homens eram quase cinco mil e na contagem não entrava mulheres e crianças, com o milagre da multiplicação dos pães e peixes (Mt 14.17-21). Impressionada com o milagre que Jesus realizara, a multidão quis proclamá-lo rei (Jo 6.14,15). Essa não era a missão de Jesus, pois Ele veio para “dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20.28), por isso tomou providências para que o desejo do povo não se transformasse num ato revolucionário. Antes que os discípulos, que ainda tinham a expectativa de um Messias político, um libertador da opressão da tirania do Império Romano, fossem influenciados pela multidão, Jesus os mandou entrar no barco e atravessar o mar da Galiléia. Quanto à multidão, despediu-a para que se dispersasse, indo cada um para sua casa.

Jesus ficou sozinho e subiu ao monte para orar. Enquanto Ele orava, os discípulos estavam no meio do mar da Galileia. Esse mar, que é um grande lago de água doce, fica numa depressão e é cercado de montanhas, e quando os ventos sopram repentinamente provocam fortes tempestades. Os discípulos estavam enfrentando uma situação aflitiva, pois haviam sido colhidos pelo vento contrário e por fortes ondas (Jo 6.18). Eles haviam começado a viagem ao entardecer e já era “a quarta vigília da noite”, entre três e seis horas da manhã, e por mais que se esforçassem remando não conseguiam avançar em direção à outra margem, que era o destino deles.

Os discípulos já haviam enfrentando uma tempestade nesse mar, mas, naquela ocasião (Mt 8.23-27), Jesus estava com eles no barco e chamaram-no em socorro. Nesse episódio, estão sem a presença de Jesus e lutavam para vencer a adversidade.

Jesus conhece as nossas adversidades

Os discípulos pensavam estar sozinhos no meio do mar tempestuoso, pois Jesus havia ficado em terra. Para eles, Jesus não os via, mas estavam enganados. Jesus os via no esforço para superar a dificuldade que enfrentavam. Marcos, ao narrar esse episódio, escreveu que Jesus via *que se fatigavam a remar* e sabia qual era a dificuldade que enfrentavam: *o vento que lhes era contrário* (Mc 6.48) e o barco era açoitado pelas ondas (Mt 14.24).

Da mesma forma como viu os discípulos, Jesus também nos vê em nossas aflições, em nossas dificuldades, em nossa limitação para vencer as tempestades da vida. Mesmo quando o crente pensa “será que Deus não vê?”, “será que Deus me abandonou”, “será que Jesus não vê a minha aflição?”, Jesus vê e conhece o que está acontecendo com cada um de nós, com cada um dos seus discípulos.

Jesus vem até nós nos momentos de adversidades

Tudo era desfavorável aos discípulos: o vento contrário, o mar forte, a escuridão, o cansaço. Era uma luta que parecia perdida e que, abandonados, só podiam contar com as próprias forças e a capacidade de alguns que eram pescadores e conheciam bem aquele mar. No entanto, Jesus vendo que estavam em dificuldade, sem que chamassem por Ele, foi ao encontro dos discípulos de uma maneira milagrosa: *aproximou-se deles, andando sobre o mar* (Mc 6.48; Mt 14.25).

Os discípulos ao verem um homem caminhando no meio daquele tumulto, pensaram que viam um fantasma, pois era impossível alguém andar sobre as águas, ainda mais com aquele vento forte que levantava as ondas em fúria. A superstição judaica a respeito de fantasmas tomou conta dos discípulos e aterrorizados gritaram (Mc. 6.49; Mt 14.26). Os apóstolos não reconheceram Jesus porque não o estavam procurando no meio da tempestade, muito menos imaginando que iria ao encontro deles.

Nas nossas adversidades, Jesus sempre vem ao nosso encontro. Às vezes não notamos porque estamos envolvidos pelo medo, pela ansiedade, pelo desejo de que tudo aconteça como queremos.

Jesus nos fala em meio às adversidades

Os discípulos estavam fatigados e com muito medo, tanto que gritaram. Jesus percebeu que não havia sido reconhecido por eles, e falou-lhes: *Tende bom ânimo, sou eu, não temais* (Mt 14.27). Eles reconheceriam a voz do Bom Pastor, e o medo os deixaria. A sua presença os tranquilizaria.

Assim também é conosco. Em situação de dificuldade, de aflição muitas vezes falta coragem para continuar lutando, o medo toma conta, mas Jesus nos manda ter coragem, ter ânimo, pois Ele está conosco sempre. Sua promessa é: *eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos* (Mt 28.20)

É Jesus presente conosco por meio do Espírito Santo, é Ele falando a nós em meio às tempestades da vida que tira o medo e nos dá coragem para prosseguirmos. É o Bom Pastor que nos dá forças para suportar e vencer os momentos mais desesperadores e as dores mais cruéis.

Jesus nos ampara quando a fé fraqueja

Ao ouvir a voz de Jesus, Pedro deu uma demonstração de fé e pediu que Jesus ordenasse que fosse ao seu encontro andando sobre as águas. Pedro não queria fazer algo maravilhoso diante dos outros discípulos. Ele queria apenas ir ao encontro do Senhor Jesus e para isso era preciso andar sobre as águas. À ordem de Jesus: “Venha”, corajosamente Pedro saiu do barco e *andou sobre as águas para ir ter com Jesus* (Mt 14.29). Mas de repente a realidade o golpeou, sentiu o vento e seus efeitos no mar, e teve medo. A fé vacilou porque Pedro tirou os olhos de Jesus e focou na aflição, então, foi dominado outra vez pelo medo. Pedro começou a afundar e gritou: *Senhor, salva-me!* (Mt 14.30). Ele reconhecia que naquela situação apenas uma pessoa era capaz de livrá-lo: Jesus. Por isso clamou a Ele.

Imediatamente, *Jesus estendendo a mão, segurou-o* (Mt 14.31). O poder de Jesus estava agindo para impedir que Pedro afundasse, mas ao segurá-lo, o Senhor lhe transmitiu amor e segurança.

Vacilamos em nossa fé, mas nesse momento Jesus nos valerá, não deixará que afundemos. Precisamos apenas nos dirigir a Ele pedindo o seu socorro, e ele nos segurar.

Jesus tem poder para solucionar as nossas adversidades

E subiu para o barco para estar com eles e o vento se aquietou (Mc 6.51). O poder de Jesus aquietou o vento, fez cessar a tempestade, deixou de haver vento contrário, e os discípulos puderam levar o barco até seu destino.

Os discípulos, diante de mais este milagre, adoraram a Jesus e reconheceram ser Ele *verdadeiramente o Filho de Deus* (Mt 14.33).

É a presença de Jesus na vida do crente que faz com que as dificuldades se aquietem, e que continuemos nossa jornada em direção ao alvo que Ele nos garante: a vida eterna.

A solução que Jesus dá às nossas adversidades tem dois aspectos: Ele pode retirar a dificuldade imediatamente, como fez com os discípulos. Outras vezes Ele soluciona a dificuldade dando força e coragem para suportá-la. Isso acontecerá quando Ele achar que a dificuldade será útil ao nosso crescimento espiritual, à nossa dependência dele. Para esse caso, Paulo é um bom exemplo. Ele estava com uma séria aflição, a que se referiu como “espinho na carne”, e por três vezes pediu que Jesus o libertasse daquela situação. A resposta do Senhor foi: *A minha graça te basta porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza* (2Co 12.9). A certeza de que contamos com o favor imerecido do Senhor, com a sua misericórdia, é suficiente para nos dar forças para enfrentar as circunstâncias adversas.

Em qualquer situação, seja para solucionar a nossa aflição, ou para nos dar forças para prosseguir em meio a ela, Jesus estará sempre conosco cuidando, encorajando, e fortalecendo.

PARA APLICAR À VIDA

1. Muitas vezes somos tomados pelo medo, algumas vezes provocado por perigos reais e outras por perigos criados pela nossa mente. Em qualquer momento precisamos confiar no poder e no amor do Senhor Jesus.

2. Em meio às adversidades da vida, é Jesus quem nos dá paz, segurança e a certeza de que nunca estamos sozinhos.

Diariamente com a Palavra de Deus

Estudo 1 – A atitude do crente nas provações

S – A prova da fé – Tiago 1.2-12

T – A origem da tentação – Tiago 1.13-18

Q – Alegremo-nos nas provações – 1Pedro 1.3-9

Q – Resultados das tribulações – Romanos 5.1-11

S – Não desanimados nem desamparados – 2Coríntios 4.7-15

S – Sejamos pacientes – Tiago 5.7-11

Estudo 2 – O cristão e sua segurança quanto ao futuro

S – Que tesouro escolher – Mateus 6.19-24

T – Não se inquiete quanto ao futuro – Mateus 6.25-34

Q – O crente permanece para sempre – 1João 2.3-17

Q – Devemos discernir os valores celestiais – Mateus 13.44-58

S – Deus suprirá todas as necessidades – Filipenses 4.10-20

S – A promessa de Jesus – Mateus 28.16-20

Estudo 3 – A oração do cristão

S – O ensino de Jesus sobre a oração – Mateus 6.5-15

T – A oração é em nome de Jesus – João 14. 9-18

Q – A oração é submissão à vontade de Deus – Lucas 22.39-42

Q – Apresente tudo em oração – Filipenses 4.4-7

S – A eficácia da oração – 1João 5.14, 15

S – Vá com confiança a Deus – Hebreus 4.14-16

Estudo 4 – O cristão diante da angústia

S – Espera no Senhor Deus e anima-te – Salmo 27.1-14

T – A minha esperança está em Deus – Salmo 146.1-10

Q – Lance a ansiedade sobre Deus e fique firme – 1Pedro 5.6-11

Q – Confiança em cruel angústia – Lamentações 3.1-26

S – Açoitados e presos, mas confiando – Atos 16.16-25

S – O Senhor é bom e eterna a sua misericórdia – Salmo 100

Estudo 5 – A firmeza dos que confiam em Deus

- S – O socorro vem do Senhor – Salmo 121
- T – Deus é a fortaleza – Salmo 91.1-16
- Q – Deus é a minha força – Isaías 12.1-6
- Q – Deus é refúgio para o angustiado – Salmo 9.1-10
- S – Só Deus é a minha defesa – Salmo 62.1-8
- S – O sólido alicerce no temporal – Mateus 7.24-27

Estudo 6 – Firmeza em situações extremas

- S – Deus deu graça e sabedoria – Daniel 1.1-21
- T – Testemunhando de Deus – Daniel 2.1-49
- Q – Disposto a morrer pela fé – Daniel 3.1-30
- Q – Deus enviou o seu anjo – Daniel 6.1-28
- S – Morreu testemunhando de Jesus – Atos 7.1-60
- S – Exultai e alegrai-vos – Mateus 5.11,12; 1Pedro 4.12-19

Estudo 7 – É preciso cuidar da mente

- S – Temos a mente de Cristo – 1Coríntios 2.1-16
- T – É preciso renovar a mente – Romanos 12.1,2
- Q – Um novo entendimento – Efésios 4.17-32
- Q – Tem paz aquele cuja mente está em Deus – Isaías 26.3,4
- S – Medite na lei do Senhor – Salmo 1.1-6
- S – Em que pensar – Filipenses 4.1-9

Estudo 8 – Certezas que nos dão segurança

- S – Temos a vida eterna – João 3.16-36
- T – Fomos justificados e temos paz com Deus – Romanos 5.1-11
- Q – Somos filhos de Deus – 1João 3.1-16
- Q – Deus nos ama – 1João 4.7-19
- S – Nada nos separará do amor de Deus – Romanos 8.31-39
- S – Somos guiados pelo Espírito Santo – Gálatas 5.16-25

Estudo 9 – A suprema esperança

- S – A esperança da ressurreição – 1Tessalonicenses 4.13-18
- T – A promessa da ressurreição – João 6.39,40; 11.21-27
- Q – É melhor estar com Jesus – Filipenses 1.19-23
- Q – Jesus ressuscitou – João 20.1-31
- S – Ressuscitados com Cristo – Efésios 2.1-10
- S – A ressurreição dos salvos – 1Coríntios 15.1-58

Estudo 10 – Vivendo como ressuscitados

S – Vivamos como ressuscitados – Romanos 6.1-13

T – A santidade da nova vida – Efésios 4.1 a 5.17

Q – Derrubadas as barreiras – Gálatas 3.26-28

Q – O fruto a ser produzido – Gálatas 5.1-24

S – Revistam-se do Senhor Jesus – Romanos 13.8-14

S – Usem a armadura de Deus – Efésios 6.10-20

Estudo 11 – Guiados pela fé

S – Exemplos de fé – Hebreus 11.1-40

T – Não enfraqueceu na fé – Romanos 4.1-25

Q – Fé em meio ao sofrimento – João 11.1-27

Q – Fé em momentos de adversidade – Salmo 27.1-14

S – Pela fé resistiu ao convite para pecar – Gênesis 39.1-23

S – Confia no Senhor sempre – Provérbios 3.5-7

Estudo 12 – Ânimo para prosseguir

S – Para quem olhar – Hebreus 12.1-3

T – A correção de Deus – Hebreus 12.4-11

Q – Recuperemos o ânimo – Hebreus 12.12-14

Q – Humildade e vigilância – 1Pedro 5.6-11

S – Nossa situação é superior – Salmo 8

S – Cristo pode nos socorrer – Hebreus 2.10-18

Estudo 13 – Jesus e nossas adversidades

S – Jesus é nosso Bom Pastor – João 10.11-30

T – Não tenham medo – João 14.26,27; 16.27-33

Q – Estejam firmes no Senhor – Filipenses 3.20 a 4.1,4, 19

Q – Temos um advogado – 1João 1.8 a 2.2

S – Jesus se compadece de nós – Hebreus 4.14-16

S – A missão e a promessa – Mateus 28.16-20

Vocabulário

Para ampliar o significado das palavras, consulte um dicionário.

Adversidade – caráter do que é adverso, desfavorável, tribulação, aflição

Anfitrião – aquele que oferece e paga as despesas de um banquete, festa; o dono da casa, que recebe convidados para um evento

Angariar – conquistar, adquirir, alcançar, conseguir, ganhar

Arregimentar – organizar em regimento militar; ordenar, formar um grupo

Embasado – baseado, fundamentado

Imprecação – pedir a Deus que aplique suas justiça e atinja com maldição os inimigos; rogar a Deus

Obsceno – que é contrário ao pudor, devasso

Perseverança – pertinácia, constância, tenacidade

Província – subdivisão de um país

Sujidade – aquilo que suja; sujo; imundície

Vigília da noite – partes em que os judeus, no tempo de Jesus dividiam a noite; a primeira vigília ia das 18 às 21h; a segunda ia das 21 às 24h; a terceira ia da 24 às 3h da manhã e a quarta ia das 3 às 6h da manhã.

Bibliografia

CLIFTON J. ALLEN. *Comentário bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Juerp. v. 8 a 12.

DEREK KIDNER. *Salmos 1-72. Introdução e comentário* São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão.

DEREK KIDNER. *Salmos 73-150. Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão.

H. D. M. SPENCE. *The pulpit commentary*. Grad Rapids: Eerdmans. v. 8, 13,15 a 21.

LUIS BONNET Y ALFREDO SCHROEDER. *Comentario del Nuevo Testamento*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones. v. 1 a 4.

Revistas FIDELIDADE para EBD



O que é a igreja?

Uma pessoa só é igreja? Quem fundou a igreja? A igreja ainda é importante? Quem pode fazer parte da igreja? Existe ou não função de pastor para a igreja? Qual é a missão da igreja? Esses e outros assuntos são abordados na revista Doutrina Bíblica da Igreja.

Doutrinas batistas

Doutrinas são importantes? Só os batistas têm doutrinas? Quais são as doutrinas batistas? Elas se fundamentam na Bíblia? Esses assuntos são tratados na revista com base bíblica e linguagem clara.



Mandamentos são importantes hoje?

O padrão moral de Deus para o ser humano não mudou, então ainda precisamos entender e obedecer os mandamentos divinos como foram ensinados por Jesus.

Milagres e Parábolas de Jesus

Jesus realizou milagres para cumprir as profecias e para comprovar que era o Filho de Deus. Ensinou por parábolas verdades espirituais e morais que guiam a vida dos seus discípulos.



Liberdade Cristã: Carta aos Gálatas

Os crentes em Jesus são livres. Mas precisamos compreender o que é ser livre e como viver em liberdade. O apóstolo Paulo, nos ensina a viver a liberdade cristã. Será que você está vivendo como livre?

www.revistafidelidade2.com.br

(21) 97454-9063 